

671

BOLETIM DO MUSEU
NACIONAL DE ARTE
ANTIGA

VOL. III

L I S B O A

N.º 2

1956

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DAS JANELAS VERDES

LISBOA — PORTUGAL

Preço de cada Fascículo — 25\$00

Museu Nacional de Arte Antiga

RUA DAS JANELAS VERDES — LISBOA

TELEFONE 66 4151 (P. P. C.)

Director: Dr. João Rodrigues da Silva Couto

Conservadores: Dr.^a Maria José de Mendonça

Pintor Abel de Moura

O Museu Nacional de Arte Antiga está aberto todos os dias excepto às 2.^{as} feiras e feriados, das 10 às 17 horas. A entrada é gratuita aos domingos e 5.^{as} feiras. Nos outros dias o preço da entrada é de escudos 2\$50

DEPOSITO LE
1884 4117 7
UNIV. BULG


FASCÍC. II JANEIRO DE 1954 A DEZEMBRO DE 1955 VOL. III

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

O MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, SEU ALARGAMENTO E ACÇÃO CULTURAL

POR

JOÃO COUTO



TENHO dito várias vezes e não sei se já alguma vez o escrevi, que a situação do Museu Nacional de Arte Antiga em 1956 é idêntica à que existia em 1938, quando se procedeu à construção de novos edifícios e se completou a remodelação e ampliação dos antigos, obra em parte planeada pelo Dr. José de Figueiredo, mas só realizada após a sua prematura morte.

Em 18 anos o Museu desenvolveu-se e os seus serviços alargaram-se de tal modo que hoje tudo começa a ficar apertado. Aquisições de obras novas, necessidade de mais adequada e didáctica exposição, desenvolvimento de certos serviços como a extensão escolar, obrigam, senão a resolver já o problema, pelo menos a pensar vagarosamente no futuro.

Julgo que a solução mais indicada consiste em dividir os actuais serviços por dois estabelecimentos. Adaptar o Museu Nacional de Arte Antiga exclusivamente a um grande Museu de Artes Decorativas, no qual figurem todos os objectos desta natureza que nele se guardam, e construir, em lugar conveniente, longe da atmosfera nociva das instalações portuárias e no meio de grandes aglomerados de verdura, uma pinacoteca e gliptoteca.

Na realidade, grande parte dos raros e notáveis exemplares da arte decorativa nacional que hoje figuram no Museu de Arte Antiga estão distribuídos pelas salas, desempenhando uma função apenas ornamental e não estão dispostos em séries cronológicas ou estilísticas, como um critério apertadamente didáctico, exigiria. Assim sucede sobretudo com o mobiliário e os tecidos.

Por outro lado é inteiramente defensável a construção de uma grande galeria de pintura onde se guardem todas as obras representativas, que as colecções do Estado possuem, desde o século XV até à actualidade; e junto dela uma gliptoteca onde, um dia, haverá decerto obras de valor para exhibir.

A posição actual não se justifica. Por exemplo, a pintura romântica, que tem o seu lugar no Museu de Arte Antiga, figura no de Arte Contemporânea, ocupando espaços absolutamente necessários para apresentar obras de artistas da actualidade.

Se acaso a solução da criação de dois novos museus parecesse arrojada, impor-se-ia então, de qualquer modo, alargar o actual Museu Nacional de Arte Antiga.

Como?

O Museu de Arte Antiga é proprietário, no gaveto da rua das Janelas Verdes para a travessa de Dom Brás, de uma parcela de terreno onde podia vir a ser construído um novo edifício para a investigação científica ao serviço das obras de arte e para o restauro, no qual se suprimissem certas deficiências verificadas no actual. A investigação científica, a beneficiação das pinturas com a oficina de carpintaria e a oficina de restauro das tapeçarias e tecidos estão já hoje muito apertadas.

O Museu podia depois alargar-se para o actual edifício do restauro que adaptado, daria amplo abrigo a novas colecções e a novos serviços.

Não me parece que fosse difícil estudar a ligação da frontaria nascente do Palácio dos Condes de Alvôr com aquele edifício e essa obra, evidentemente importante, daria ao Museu por mais alguns anos, espaço suficiente para outras salas, arrecadações e várias dependências.

É evidente que a acção principal do museu se realiza pela exposição de um maior número de obras de arte, apresentadas nas suas salas. E estas hoje não são bastantes para fazer face ao desenvolvimento que certas colecções estão a tomar.

É a tendência de todos os estabelecimentos desta natureza. Aos fundos iniciais, mais ou menos importantes, novos fundos vêm juntar-se e é constante a incorporação por compra de espécies novas.

O Museu de Arte Antiga resultou da reunião das seguintes colecções:

da Academia de Belas Artes (sobretudo pinturas do séc. XVI, provenientes de conventos extintos),

da Caixa Geral de Depósitos (sobretudo peças de ourivesaria, provenientes da Casa Real e de conventos extintos),

de compras provenientes do espólio da rainha D. Carlota Joaquina,

do legado do rei D. Fernando (pinturas),

da compra de quadros (sobretudo primitivos espanhóis), da colecção Guerra Junqueiro,

da incorporação de grande parte do espólio Burnay, etc., etc.

Hoje o conjunto Gulbenkian, composto pelas obras de arte que aquele generoso doador ofereceu ao Museu, ocupa dois compartimentos, um dedicado à pintura e o outro às esculturas e à cerâmica.

Também tem sido preocupação última da direcção do Museu ampliar e valorizar as colecções de objectos que digam respeito às relações de Portugal com o Extremo Oriente, e nesse sentido grande número de espécies tem sido incorporado, quer por aquisições, quer por dádivas. São de salientar as compras dos biombos efectuadas no Japão pelo antigo ministro das Finanças, Sr. Dr. Águedo de Oliveira, e a recente aquisição pelo Estado e pelos Amigos do Museu da importantíssima colecção de objectos lacados e de livros que pertenceram ao espólio do diplomata Costa Carneiro. Esta secção oriental ocupa duas salas.

Não fazia também sentido que o mais importante Museu da capital não possuísse dependência ou dependências dedicadas à obra de Joaquim Machado de Castro e dos seus colaboradores. Por isso se organizaram e abriram ao público dois compartimentos com essas espécies — trabalhos em madeira, desenhos, modelos de esculturas, entre eles os da estátua equestre do rei D. José, etc.

E se pensarmos que a preciosa colecção de figuras de barro (de presépio), os azulejos, a toreutica, a luminária, tudo com larga representação nos nossos depósitos, ainda não têm condignas instalações, por aqui se faz pálida ideia de quanto é urgente pensar-se na ampliação dos locais indispensáveis para instalação do Museu. E este não pode ser apenas esse mostruário, mais ou menos bem coleccionado e mais ou menos bem exposto.

Tenho dito e tornado a dizer que um museu é escola em plena actividade onde, além da preparação dos que nele trabalham, se deve educar o público num ensinamento permanente que abrange todas as ideias e graus de aprendizagem. Por isso o Museu tem uma Biblioteca, com mais de 10.000 volumes, salas de aulas e salas de conferências.

Dependendo da Biblioteca, possuímos um importante arquivo de fotografias e de radiografias. O primeiro dispõe hoje de cerca de 13.000 clichés e é muito rico em provas fotográficas, especialmente de objectos relacionados com os que estão guardados no Museu.

Com uma verba incluída no nosso orçamento privativo temos em organização o inventário fotográfico dos objectos, trabalho necessário, difícil e moroso que carece de paciência para sua completa realização. É avultado o número de espécies que o Museu guarda.

O trabalho previsto reúne fichas fotográficas das secções de pintura, jóias, móveis de assento, miniaturas, bandejas e tabuleiros (concluídas) e luminárias, desenhos, escultura, tecidos, cerâmica (em andamento).

O Museu edita ainda um Boletim do qual já se publicaram duas séries: a primeira com a designação do «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga» (quando sob a mesma direcção estavam o Museu das Janelas Verdes e o dos Coches), com 10 fascículos ; a segunda sob o nome «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga» — 14 fascículos. Nestes livros se mencionam as nossas actividades correspondentes a cada ano, a contar do de 1938.

No Museu Nacional de Arte Antiga todos os serviços de extensão escolar são bastante acarinados, e por isso têm-se desenvolvido muito. Desta forma carecem de novos espaços e instalações.

Independentemente das escolas, também o público é solicitado pelas constantes conferências, visitas explicadas e pelas exposições temporárias que se realizam.

Neste departamento o Museu de Arte Antiga desenvolveu uma acção movimentada que abriu novos horizontes e deu lugar a uma profíqua laboração.

Desde 1938, realizámos em salas especiais, para esse fim reservadas, as exposições temporárias que passamos a mencionar:

- 1) *Algumas obras de arte oferecidas pelo Grupo dos Amigos do Museu*, 9 de Junho a 9 de Julho de 1938.
- 2) *Mobiliário indo-português*, Julho-Outubro de 1938, (catálogo).
- 3) *Desenhos de Domingos António de Sequeira*, Agosto de 1939, (catálogo).
- 4) *Pinturas espanholas dos séculos XIV, XV e XVI*, Novembro de 1940, (catálogo).
- 5) *Colchas bordadas dos séculos XVII e XVIII*, Março de 1945, (catálogo).
- 6) *Azulejos*, Março de 1947, (catálogo).
- 7) *Aspectos do Natal na Arte Portuguesa*, Dezembro-Janeiro de 1947-1948, (catálogo).
- 8) *Rendas portuguesas e estrangeiras dos séculos XVII a XIX*, Maio de 1948, (catálogo).
- 9) *Desenhos do «Album Cifka»*, Março de 1948, (catálogo).
- 10) *Exposição temporária das obras de arte dos séculos XV e XVI da Ilha da Madeira*, Abril de 1949, (catálogo).
- 11) *Cópias de painéis antigos*, Junho de 1953, (catálogo).
- 12) *Obras de Arte do Museu de Sigmaringen*, Novembro de 1953, (catálogo).
- 13) *Obras documentadas de Joaquim Machado de Castro e da sua oficina nas colecções do Museu*, Março de 1954, (catálogo).
- 14) *A Virgem na Arte Portuguesa*, Maio de



O Museu Nacional de Arte Antiga visto do ar. Note-se a possibilidade de estabelecer uma ligação entre o corpo nascente do palácio dos Condes de Alvôr e o actual edifício do restauro



N.º
DESIGNAÇÃO: *Cruz Processional*

N.º DE INVENTÁRIO: *169*

N.º DO CATALOGO: *9*

DIMENSÃO: *Alt. 310 x larg. de braços 205 mm.*

PESO: *850 gramas*

COLOCAÇÃO

OBSERVAÇÕES

FOTOGRAFIA DE: *Abreu Nunes*

NEGATIVO N.º: *12274*

CAIXA N.º: *483*

TIRADA EM: *1956*

Modelo 6 - 2.000 ex. - 30.11.49

*3.890 objectos até hoje inventariados
fotograficamente.*

Ficha do inventário fotográfico do Museu

1954, (catálogo). *Portugal na Índia, na China e no Japão — Relações artísticas*, Setembro de 1954, (catálogo).

Além destes certames temporários outros tiveram lugar, em tempos recentes, no Museu de Arte Antiga, como por exemplo:

1) *Exposição Comemorativa do Bi-Centenário da Manufactura Nacional de Sévres*, 1939, (catálogo). 2) *Monumenta Chartographica Indiana*, Dezembro 1942. 3) *Exposição das Medalhas de Casa da Moeda de Paris*, em 1946, (catálogo). 4) *Exposição da Marinha Francesa*, 1947. 5) *Exposição de obras de arte pertencentes a S. A. R. o Conde de Paris*, 1948, (catálogo). 6) *Exposição do Oriente e da Argélia na arte francesa dos séculos XIX e XX*, 1950, (catálogo). 7) *L'Orient et l'Algérie dans l'Art Français au XIX^e et au XX^e Siècles*, Abril-Mai 1950, (catálogo). 8) *Obras de arte oferecidas pelo Ex.^{mo} Senhor Calouste Gulbenkian*, 1952, (catálogo). 9) *Exposição da tapeçaria francesa da idade média dos nossos dias*, 1952, (catálogo). 10) *A Exposição temporária de desenhos de Lopes Mendes e fotografias de monumentos indianos*, 1953, (catálogo).

Esta iniciativa não representa mais do que uma continuação do que se praticava no tempo do Dr. José de Figueiredo. Se bem que realizadas com menor frequência, lembro, entre outras exposições, a do *Centenário da Manufactura da Vista Alegre, 1824-1924*, (catálogo). A de *Algumas obras de arte, temporariamente agrupadas neste Museu, representativas de diversos aspectos artísticos derivados do descobrimento do caminho marítimo da Índia*, 1932, (catálogo). A de *pintura e desenho de Teodoro Baierl*, 1937 (catálogo).

As exposições temporárias constituem sem dúvida, uma das mais úteis, embora mais trabalhosas, actividades do Museu. Nelas se devem mostrar obras de arte provenientes de colecções nacionais e estrangeiras, de colecções particulares e dos objectos guardados nas arrecadações, que não têm cabimento nas salas de exposição permanente. Assim se tem feito.

Como noutra lugar se referirá, desde que recentemente iniciámos as sessões cinematográficas para os Amigos do Museu e para os alunos das escolas, (a máquina de projecção de 16 mm — tipo Bell & Howell — foi adquirida em Dezembro de 1954), têm sido organizados, para serem visitados no intervalo dessas sessões, certames que ajudam a esclarecer os temas que se projectam na tela.

Essas pequenas Exposições Temporárias, cuja inauguração se realiza de noite, ajudam os estudiosos a interessar-se pelos recheios arrecadados nas reservas do Museu e nas salas de exposição.

Até hoje já se organizaram os seguintes certames:

1) *Exposição do quadro de Bosch «As Tentações de Santo Antão» e das radiografias da mesma pintura*, 24 e 26 de Maio de 1955. 2) *«Desenhos*

cenográficos da oficina dos Bibienas», 7 e 8 de Junho de 1955. 3) «*Retrato da Rainha D. Mariana de Áustria, por Velasquez, As Duas Primas de J. H. Fragonard, e O Poeta e o Pássaro, por Guardi*», 21 e 23 de Junho de 1955. 4) «*S. Jerónimo de Durer, reproduções de desenhos preparatórios para essa pintura e espécies bibliográficas relativas às relações do artista alemão com portugueses residentes em Antuérpia*», 13 e 15 de Dezembro de 1955. 5) «*Cartões de Sequeira para os quadros da colecção Palmela e algumas obras de barristas portugueses do séc. XVIII sobre o tema Natal*», 20 e 22 de Dezembro de 1955. 6) «*Alabastros de Nottingham na colecção do Museu Nacional de Arte Antiga*», 20 de Fevereiro de 1956. 7) «*Obras de Arte Japonesa. Bibliografia acerca das relações de Portugal com o Japão. Espécies pertencentes às colecções e à Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga. Aspectos dos monumentos e da vida no Japão. — Fotografias pertencentes à Legação do Japão. Estampas japonesas pertencentes ao Dr. Max Braumann*», 6 de Março de 1956. 8) «*Obras francesas de pintura e desenho dos séculos XVII e XVIII das reservas do Museu. Reproduções de esculturas e vitrais da Catedral de Chartres pertencentes ao Turismo Francês*», 20 de Março de 1956. 9) «*Retratos da autoria de Domingos António de Sequeira*», 15 de Maio de 1956. 10) «*Gravuras de John James Audubon*», 29 de Maio de 1956, pertencente ao Senhor Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte.

O Museu tem hoje uma forte actuação escolar. E se ela não se pratica como desejaríamos para os frequentadores do estabelecimento em constantes visitas explicadas, isso resulta de não possuímos um corpo de pessoas, estranho aos serviços, sempre pronto e suficientemente adestrado na arte difícil de o mostrar.

Sente-se muito a falta de frequência de estudantes das escolas e de turistas, mas quando aparecem, pretendem quase sempre ser acompanhados. Para os estudantes o serviço já esteve montado com muito maior eficiência. Quando o signatário exercia as funções de conservador do museu e o trabalho era em menor escala, uma das suas principais incumbências consistia em acompanhar os alunos de escolas que visitavam o Museu. E isso sucedia num ritmo que chegava a ser apreciável.

Verifica-se hoje a impossibilidade de empregar os escassos dois conservadores nesse labor, assoberbados como estão com todas as frequentes e variadíssimas actividades do Museu, e nem sequer dispondo de horas livres para se ocuparem das suas investigações pessoais.

Há longos anos que os museus da América possuem dois grupos de conservadores. Um para proceder ao trabalho de inventário e de investigação

relativa à história e merecimento das obras de arte expostas nas galerias. Outro para realizar aquilo que nos Estados Unidos se designa por «Educational Service». Os Museus Metropolitano de Nova Iorque e o de Boston dispõem de um número grande de funcionários que só se ocupam deste serviço. Os museus das grandes cidades americanas, por serem instituições particulares e, na maior parte, por os subscritores desejarem ter à sua disposição quem os elucide, não dispensam estes programas de constantes visitas explicadas.

Desde que temos relações mais estreitas com o operoso Sindicato Nacional de Guias-Intérpretes e desde que se verifique que nele existe um número de pessoas preparadas para mostrar o Museu, lembrámo-nos de manter um programa regular, recorrendo a este prestimoso agrupamento. Assim, em certos dias e a certas horas, hão-de ter lugar visitas explicadas, remuneradas ou não, para frequentadores do estabelecimento.

Um problema grave que ocorre é o das horas de abertura dos museus. Estas instituições são precisamente franqueadas ao público nas horas em que todos andam ocupados nos seus mesteres. Haveria que estudar, ou novos horários para os museus ou um serviço de horas suplementares, para eles se manterem abertos ao público, além dos horários fixados. Sobretudo no verão a falta resulta nítida, pois muitas pessoas entre as 17 e as 19 horas, com óptimas condições de luz, poderiam passar momentos agradáveis e instrutivos nas galerias.

Em matéria de extensão escolar têm-se realizado no Museu de Arte Antiga vários cursos, como por exemplo, os de temas especializados que têm sido professados pelo Sr. Prof. Myron Malkiel Jirmounsky e os de assuntos gerais, como, por exemplo, os do Sr. Dr. Ferreira de Almeida, para filiadas da Obra das Mães pela Educação Nacional.

O Museu tem muita pena de se recusar a mandar acompanhar cursos de escolas superiores, técnicas ou liceais que o procuram. Essa iniciativa representaria como dissemos um agravamento para o serviço do seu escasso pessoal, e um prejuízo para o bom andamento de outras actividades mais prementes do Museu. Por outro lado verifica-se o pouco interesse que os estudantes dos cursos secundários, técnicos e superiores demonstram pelas visitas que realizam. Tantas vezes solicitados para participarem, por meio de observações ou de perguntas, na exposição que lhes é feita, os estudantes demonstram, por ignorância, acanhamento ou prosápia, falta de curiosidade e até aborrecimento.

Quando um dia, a obra do acaso trouxe ao Museu um grupo de crianças duma escola pré-primária, as quais, em histórias levemente urdidadas, procurámos interessar nas obras de arte expostas, verificou-se a grande curiosidade

que tudo nelas despertava. As enormes faculdades aquisitivas de que dispõem, e que um dia serão, na maior parte dos casos, asfixiadas, servem seus incipientes e espontâneos interesses estéticos.

Depois dessa experiência, resolvemos criar um serviço experimental de extensão escolar para crianças das escolas pré-primárias. Convocaram-se alguns institutos dos muitos que, ainda sem nítidas directrizes, existem em Lisboa, especialmente aqueles que possuíam transporte para trazer as crianças até ao Museu.

Ocupámo-nos, durante algum tempo, dessa prometedora experiência. Não se tratava, evidentemente, de ensinar o Museu aos pequeninos. Estes apenas divagavam pelas salas, ao sabor da sua curiosidade, momentaneamente despertada por este ou aquele quadro, escultura ou obra de arte decorativa. De vez em quando, formulavam perguntas e, da forma mais simples, procurávamos resolver seus problemas. Mas verificou-se o grande empenho de tudo compreender e nas suas interrogações e observações, havia sempre alguma coisa a aproveitar.

Embora interessados e cativados pela iniciativa, não tínhamos tempo para nos dedicarmos à direcção das visitas, que se pretendia tivessem regularidade e continuidade. Foi entregue então o serviço a uma bolsreira do Instituto de Alta Cultura, que já há tempo trabalhava no Museu e se revelara apta para encaminhar o empreendimento, a pintora Madalena Cabral.

As visitas tornaram-se periódicas e deu-se-lhes uma orgânica. As escolas compreenderam o alcance da iniciativa e não se poupam a esforços para colaborar. De todas as visitas se escreve um relatório em que se faz referência ao trabalho empreendido e às reacções que o exame das obras provoca nas crianças. Procura-se verificar o resultado do trabalho em exercícios feitos nas escolas e nos lares.

Sem podermos determinar ainda o alcance futuro da empresa, estamos certos que novos interesses estão a ser despertados. Pena é que o trabalho esteja por ora restringido ao Museu de Arte Antiga e não se alargue a outros museus, especialmente aos de arte moderna, e às oficinas, aos jardins botânicos e zoológicos, aquários, etc.

A actividade das crianças não é só acompanhada nas salas de exposição. Os pequenos visitam e brincam no belo jardim do Museu e começámos já a facultar-lhes sessões de cinema, nas quais se exibem, ao lado de filmes recreativos, outros em que se explica a factura dos objectos. Pena é que o Museu não disponha de uma filmoteca em que o material seja coleccionado. Pena é também que não disponhamos de filmes, relativamente fáceis de organizar, realizados no país. Não podemos esquecer o interesse enorme que despertou uma exibição sobre o fabrico das peças de louça no Japão, obra magnificamente concebida, duplamente recreativa e instrutiva.



Crianças das escolas primárias e pré-primárias, de Lisboa, assistindo a visitas e a sessões de cinema, no Museu



Aspecto da oficina de beneficiação de tapeçarias
no Instituto de Restauro de Lisboa



Recinto para lavagem de tapeçarias no Museu
de Arte Antiga

A OFICINA DE BENEFICIAMENTO DE TAPEÇARIAS DO INSTITUTO DE RESTAURO DE LISBOA

POR

MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

A necessidade urgente de se cuidar da conservação das tapeçarias das coleções nacionais foi mais de uma vez tratada por nós nas páginas deste Boletim onde nos ocupamos, desde 1941, dos processos de conservação, restauro e apresentação de tapeçarias e tapetes empregados em diversos museus da Europa e da América e, em 1942, publicamos um relatório acerca da conservação das tapeçarias do Estado ⁽¹⁾, relatório elaborado com os elementos que reunimos quando fizemos o inventário das tapeçarias existentes nos museus e palácios nacionais, apresentado ao Instituto de Alta Cultura no ano de 1940 ⁽²⁾.

De facto, desde o advento da República e com a extinção do cargo de «tapeceiro real» que desde longa data aparece referido nos documentos relacionados com a aquisição e conserto de tapeçarias, os panos de armar dos museus e palácios nacionais têm estado privados dos cuidados que a conservação dessas espécies exige ou sujeitos a interferências bem intencionadas mas sumamente perigosas para a integridade das obras de arte, por serem feitas por pessoas que desconhecem as regras do ofício.

Na impossibilidade de encontrar entre nós quem estivesse preparado devidamente para trabalho desse género, procurámos conseguir que um especialista estrangeiro viesse a Portugal para examinar as tapeçarias e informar acerca da conservação das espécies e dos cuidados de beneficiamento que requeriam.

Tendo sido para tanto superiormente autorizada, aproveitámos a oport-

⁽¹⁾ *Conservação, Restauro e Apresentação de Tapeçarias e Tapetes Antigos* in «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga» vol II, n.º 5, 1941; *Conservação das Tapeçarias do Estado* idem, n.º 7, 1942.

⁽²⁾ Desse inventário que se conserva inédito, publicou-se um resumo no «Boletim da Academia Nacional de Belas Artes», vol. VII, 1940, sob o título *Relação dos Panos de Raz existentes nas coleções do Estado*.

tunidade de uma estadia em Paris, no ano de 1950, para conversarmos acerca do assunto com o Senhor Henri Gleizes, Administrador Geral do *Mobilier National* e das Manufaturas dos Gobelins e de Beauvais.

Estabelecido o contacto entre esse organismo oficial francês e os serviços competentes do nosso Ministério da Educação Nacional, Mademoiselle Juliette Niclaussé, *attachée scientifique* do *Mobilier*, veio ao nosso país, por incumbência da 6.^a secção da Junta Nacional de Educação, em Dezembro de 1950, para examinar as tapeçarias das colecções do Estado e dar o seu parecer acerca dos meios a empregar na conservação das espécies.

Percorridas as colecções nacionais onde se guardam panos de armar, Mademoiselle Niclaussé elaborou um extenso relatório que foi entregue à mesma Junta, em Janeiro de 1951.

Esse relatório é uma contribuição fundamental para a defesa do nosso património artístico no sector, outrora tão rico e hoje tão empobrecido, da nobre arte da tapeçaria.

Demonstrando a sua competência no conhecimento da especialidade, Mlle. Niclaussé, depois de apresentar uma introdução sobre o que se deve entender por restauro de tapeçarias, refere-se a cada uma das espécies que havia examinado e termina a sua exposição sugerindo soluções para se instalar, entre nós, uma oficina especializada nesses serviços.

O relatório é acompanhado pelo projecto e fotografias de um tear de restauro e mostruário de material.

Estabelecidas as bases do trabalho a realizar, tornava-se necessário encontrar o pessoal especializado para organizar a oficina.

Para tanto apresentava o relatório Niclaussé duas soluções: ou o *Mobilier National* cedia temporariamente ao Museu de Lisboa um técnico especializado que aqui viria instalar os serviços e preparar o pessoal ou encontrada, entre nós, uma pessoa com as aptidões requeridas ela fosse enviada a Paris fazer um estágio na Manufatura dos Gobelins.

Foi esta última a solução adoptada.

Tendo tido conhecimento da obra de tapeçaria feita e exposta ao público pela Senhora D. Maria José Taxinha, o Museu de Arte Antiga encarregou essa senhora de executar alguns trabalhos de reparação sumária em espécies pertencentes às colecções deste estabelecimento do Estado.

As qualidades reveladas nesse serviço levaram a Direcção do Museu a solicitar mais uma vez os bons officios do *Mobilier National* de Paris, pedindo ao Senhor Henri Gleizes que a nossa compatriota fizesse um estágio nas oficinas de restauro.

Desse modo, no ano de 1955, a Senhora D. Maria José Taxinha teve possibilidade de trabalhar no *Mobilier* sob a direcção das chefes das oficinas

de restauro de tapeçarias e de tapetes, Mlle. Bouchut e Mlle. Pangaud, superiormente orientadas por Mlle. Juliette Niclausse.

Parte desse estágio foi acompanhado por nós, na qualidade de conservadora encarregada da futura oficina de Lisboa.

De regresso a Portugal, procedeu-se à instalação da oficina em recinto próprio no edifício do Instituto de Restauro, anexo ao Museu de Arte Antiga.

Na carpintaria do Instituto foi construído o tear para restauro de tapeçarias e tapetes, os tabuados e outros apetrechos necessários para esse serviço.

Para a lavagem das espécies foi instalado, no jardim do Museu, um recinto com pavimento de cimento e escoamento de águas apropriado ao fim a que se destina.

O fornecimento de lãs e sedas para reparação de tapeçarias foi feito em Paris, nas casas que fornecem o *Mobilier*, com as quais entrámos em contacto durante a nossa estadia nessa cidade.

Instalada e apetrechada a oficina de Lisboa entrou em laboração no princípio do ano de 1956, ocupando-se presentemente do beneficiamento da magnífica tapeçaria da «Música», da colecção do Museu de Lamego, e do pano com as marcas de Bruxelas e do tapeceiro Frans van den Heck, pertencente ao Museu de Arte Antiga.

A actividade da nova oficina não vai limitar-se ao tratamento de tapeçarias; os tapetes, os bordados, os tecidos, as rendas requerem idênticos cuidados de conservação.

Vencidas as dificuldades que por vezes pareciam insuperáveis, de instalar a oficina de reparação de tapeçarias, estão lançadas as bases para organizar um serviço mais amplo e mais completo de recuperação do património artístico do país.

O Instituto de Restauro, anexo ao Museu de Arte Antiga, é o local que reúne as melhores condições para o funcionamento de uma oficina de beneficição de têxteis.

Os trabalhos dessa especialidade requerem, actualmente, além de conservadores de tecidos para orientarem as oficinas, serviços de laboratório para documentação fotográfica e para se proceder a exames com aparelhagem científica, destinada ao estudo das obras de arte.

Pode dizer-se que, depois da conservação da Pintura, a conservação de têxteis é hoje um dos capítulos da recuperação de obras de arte que maior atenção merece ao pessoal dos museus, tornando-se cada vez mais necessária a colaboração dos serviços de laboratório.

Funcionando no Instituto de Restauro de Lisboa, superiormente dirigido pelo Director do Museu Nacional de Arte Antiga, Senhor Dr. João Couto,

a nova oficina fica ao abrigo de amadorismos sempre prejudiciais para a vida das obras de arte.

Desde o início, patrocinada pela 6.^a Secção da Junta Nacional de Educação, é a esse organismo do Estado que se deve a existência da nova oficina cujos serviços há tanto tempo se tornavam necessários para defesa de um dos sectores mais ricos do património artístico do país.

QUATRO TÁBUAS QUATROCENTISTAS EXAMINADAS NO LABORATÓRIO DO MUSEU

POR

ABEL DE MOURA

DE uma pequena ermida no termo de Tavira vieram para o Instituto de Restauro do Museu Nacional de Arte Antiga quatro tábuas, a fim de de serem estudadas e tratadas (¹).

As tábuas têm representados os Santos Pedro e João Baptista, S. Vicente e um Santo Bispo. Cada tábua mede 1,69×0,37.

Ao examinar a factura da pintura, notámos relevos que denunciavam um desenho não coincidente com o do pregueado das vestes das figuras representadas. Isso levou-nos a crer na existência de uma pintura modificada, e submetemos por essa razão os quadros a um exame radiográfico.

Dada a opacidade dos pigmentos daquela pintura aos raios X, não foi possível, nas primeiras radiografias, obter uma imagem subjacente que permitisse uma fácil leitura.

O emprego dos pigmentos de origem mineral, como o branco de chumbo e as terras, dificultaram a penetração dos raios X. Consequentes tentativas se fizeram no intuito de obter melhores clichés e esse esforço foi coroado de êxito (²).

As últimas radiografias que nos permitiram melhor leitura foram obtidas com 20 Kv, 5 m A, 0,60 d e 70" e acusam com bastante nitidez a presença de uma pintura anterior ao século XVI. A pintura descoberta revela um desenho e uma técnica peculiares do século XV, bem como a representação erecta da composição figurativa, dos acessórios e dos panejamentos.

De acordo com as entidades interessadas fizeram-se as primeiras son-

(¹) A louvável iniciativa deve-se aos bons cuidados do Padre Pinheiro e Rosa daquela localidade, que a propósito publicou no jornal «Novidades» de 14 de Agosto de 1949, um artigo intitulado «Alguns quadros quinhentistas do Algarve».

(²) Registamos a propósito a valiosa colaboração do Sr. Abreu Nunes, técnico de fotografia que trabalha no nosso laboratório.

dagens e a remoção de alguns fragmentos a fim de se descortinar melhor a pintura primitiva (3).

Não se trata de uma obra de um artista de grande classe no entanto verifica-se certa qualidade naquela pintura que denuncia o estilo e certas características técnicas da escola portuguesa do século XV. A sua conservação permite uma reintegração total das figuras e dos fundos originais conforme se pode já avaliar pelos fragmentos descobertos.

Veja-se a fotografia da tábua de S. Pedro onde se fez uma sondagem e compare-se a pintura primitiva, com a que foi posteriormente executada (4). Observe-se também a radiografia feita sobre a cabeça do Santo da mesma tábua e verifique-se a diferente posição das cabeças. Na radiografia da tábua de S. João Baptista a mão direita surge voltada para baixo tocando um rosário (?).

Nesta mesma tábua foram descobertos os pés da figura primitiva, que aparecem abaixo dos da figura posteriormente executada. O mesmo sucede com a tábua que representa S. Vicente. Outras sondagens revelam também alterações nos fundos como por exemplo: o interior de um claustro em lugar do céu e arvoredo que serve de fundo à figura do Santo Bispo.

Esta comunicação tem apenas por fim apresentar o estudo inicial de um exame laboratorial e oficial levado a efeito em quatro tábuas que foram modificadas, na sua concepção primitiva.

Oportunamente publicaremos mais algumas notas relativas aos tratamentos e à valorização dos quatro documentos picturais desconhecidos.

(3) As sondagens e os seguintes trabalhos de restauro são dirigidos pelo restaurador Sr. Fernando Mardel, chefe da Oficina de Restauro do Museu Nacional de Arte Antiga.

(4) O Sr. Dr. João Couto, Director do Museu Nacional de Arte Antiga no seu trabalho intitulado «Aspectos actuais do problema do tratamento das pinturas», apresentado na Reunião Internacional de l'ICOM, realizada em Lisboa, no ano de 1952, refere-se pela primeira vez, às sondagens efectuadas nas quatro tábuas e publica as fotografias de S. Pedro e S. Vicente.

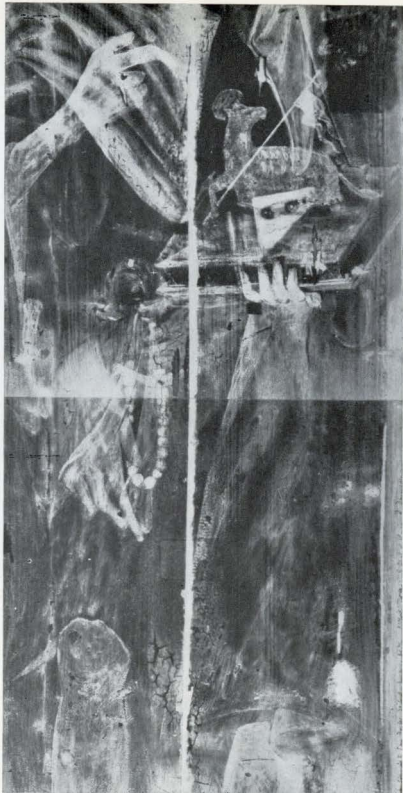


Radiografia da cabeça de S. Pedro que revelou com grande nitidez a posição primitiva da cabeça bem como outras vestes

Tábua que representa S. Pedro mostrando as sondagens que revelam a pintura do século XV



Tábua que representa S. João mostrando as sondagens que revelam a pintura primitiva (pés e fundo de paisagem)



Radiografia do corpo de S. João Baptista que revelou a mão pintada no século XV



SANTO AGOSTINHO

Ver a sondagem na parte superior da pintura



S. VICENTE

Ver a sondagem na parte inferior da pintura



Tecto do Oratório de S. José



Conjunto do Oratório de N.ª S.ª do Livramento



Sala das Audiências

O PINTOR CIRILO VOLKMAR MACHADO (1748-1823)

(Mafra e os desenhos do Museu de Arte Antiga)
Notas inéditas sobre alguns artistas da Escola de
Escultura de Mafra

POR

AYRES DE CARVALHO

CIRILO é tantas vezes lembrado e citado pelos escritos e notícias de que está recheada a História da Arte Portuguesa, que as suas obras pictóricas e decorativas quase passaram ao rol do esquecimento. Não pretendemos com esta singela notícia trazer elementos inéditos para a sua biografia, aliás bem conhecida pelas «Memórias», nem tão pouco exagerar a personalidade artística de Cirilo por forma a equipará-lo a um Sequeira. Apenas tentaremos relembrar a notável influência estética e até didáctica que exerceu por finais do Setecentos no nosso acanhado meio artístico, e sobretudo destacar o período mais brilhante e talvez mais feliz da sua vida, o tempo que passou em Mafra, «solitário como hum anacoreta no seu eretitorio».

Também nós há longos anos em Mafra, aprendemos a conhecer de perto e a estimar não só os seus preciosos escritos mas também as suas pinturas decorativas, talvez o último e modesto reflexo da influência italiana de Setecentos, as únicas decorações que enchem e alegam a vista dos fradescos casarões da grande e «Real Obra de Mafra».

Foi por indicação e gentil deferência do ilustre Director do Museu de Arte Antiga, Dr. João Couto, que, ao sermos encarregados de organizar no Palácio de Mafra a primeira exposição comemorativa do bi-centenário da morte de el-rei D. João V, no ano de 1950, tivemos ocasião de conhecer e apreciar alguns dos esbocetos e estudos de Cirilo para os seus tectos de Mafra.

Não teve Cirilo como Sequeira, a fortuna de bons protectores para a tão ambicionada viagem de estudo a Itália, o que conseguiu apenas com o

seu esforço e por pouco tempo, não chegando a frequentar nenhuma Academia, pois como ele escreveu, foram seus Mestres, «Rafael, o Antigo, a Natureza, e as Ruínas da antiga Roma». Esta curta digressão de estudo e a sua passagem por Sevilha, onde desenhou «o nu pela 1.^a vez», devem ter completado a sua ânsia de conhecimentos, que de muito jovem tinha adquirido na oficina de seu tio João Pedro e depois na «casa de Parodi», onde à maneira do tempo «copiava e vestia retratos». A influência italiana começou pelo seu primeiro mestre, que tinha sido em Roma discípulo de Corrado, depois a do famoso retratista genovês Pelegrino Parodi (c. 1700-1785) de quem Cirilo foi um dos ajudantes (1).

Além de pintor também Cirilo se intitula architecto, mas os seus projectos architectónicos, exceptuando o que «riscou para o Palácio da Relação, e Cadea», resumem-se, que saibamos, às magníficas decorações cenográficas para teatros, igrejas e palácios.

Por 1777 regressou de Roma na esperança de alcançar a desejada bolsa de estudo, como diríamos hoje, e mais uma vez desiludido com «a protecção da Corte», aceita o convite dos seus «amigos de Alentejo» e aqui passa dois anos decorando várias salas de Évora e Elvas, que desconhecemos. Na bela colecção de desenhos do Museu de Arte Antiga existe um apontamento à pena identificado com a escrita de Cirilo, representando duas figuras alegóricas a «Prudência» e o «Amor da pátria», estudos designados como «Da Camera d'Elvas 1779».

É neste tempo que Cirilo tenta com o maior entusiasmo «a erecção da Academia do nú» em Lisboa, a exemplo do que tinha visto em Sevilha e Roma, enfrentando assim com as maiores dificuldades a rotina e o atraso do nosso século XVIII.

Ele mesmo relata nas suas «Memorias» em saborosa descrição as primícias dessa Academia, sobretudo a «difficultosa empreza para achar hum homem que se quizesse despir para estar a modêlo», o que se conseguiu «com maneiras estudadas, e offertas liberaes», não esquecendo Cirilo de nos descrever a sova que o pobre «galego» apanhou dos companheiros depois de três noites de «pose».

Os melhores artistas do tempo, como Vieira Lusitano e Inácio de Oliveira Bernardes, deram a sua colaboração como professores do desenho e «estudo do nú». Não faltaram as aulas de «Perspectiva, Geometria, e Architectura», de cuja direcção foi incumbido Simão Caetano Nunes, o architecto decorador, ao tempo, «mais acreditado de Lisboa», e como base das

(1) De Parodi conhecemos um belo retrato assinado e datado — 1758 —, representando um caçador, talvez o autoretrato do pintor (?), na col. da Ex.^{ma} Senhora D. Sofia Castelbranco.

nossas primeiras Escolas de Belas Artes, «preparou-se também huma sála para nella se desenharem gêços, e estampas de figura, e ornato».

Não foi menos activa a acção de Cirilo junto da velha e decadente agremiação dos artistas, a Irmandade de S. Lucas, procurando torná-la numa instituição útil aos artistas «e interesses da Arte, dispondo as cousas de modo, que para o futuro podesse haver huma boa, e verdadeira Academia», assim como remediar «contra o abuso de se incumbirem das obras de Pintura aquelles que nunca professarão a Arte».

Foi Cirilo com Pedro Alexandrino e outros de menos nomeada o relator do «Compromisso» da renovada Irmandade dos artistas, que só se concluiu por 1794, mas «as debeis tentativas» feitas por esse grande benemérito das Artes na nossa terra, que foi Cirilo, «ficarão todas sem effeito».

Destes vinte anos de luta e de canseiras em prol da Arte, até vir em 1796 para Mafra como «Pintor de S.A.R.», algumas obras nos deixou em Lisboa que merecem ser lembradas, pois foram tantas, que o seu autor se admira como «a fortuna ... o fez sustentar a concorrência com o celebre Pedro Alexandrino».

Das muitas decorações que Cirilo pintou nos tectos de «Igrejas, Palácios, e casas nobres», estas quase sempre baseadas em assuntos mitológicos e alegorias complicadas tanto da sua predilecção, queremos destacar como mais valioso e interessante o tecto monumental da Igreja Italiana de N.ª Senhora do Loreto, que executou cerca de 1785.

Mesmo nas suas composições de carácter religioso, como a do Loreto, em redor do motivo central predominavam sempre as «quadraturas» e perspectivas architectónicas, em que era exímio, inspirando-se nas monumentais decorações italianas de Seiscentos.

Nas obras de reedificação da Igreja do Loreto para reparar os danos causados pelo incêndio que se seguiu ao terramoto de 1755, a Cirilo foram confiadas as pinturas do tecto, na nave, e supomos que mais tarde, estando já o pintor em Mafra, terá executado as «grisailles» que decoram os primitivos nichos desse belo templo.

Sabe-se que antes do terramoto esses nichos continham algumas estátuas dos apóstolos feitas pelo escultor seiscentista Filippo Parodi (V. Golzio), as quais ficaram destruídas, restando apenas duas, hoje, que nada denunciam da maneira do grande rival de Puget.

Os apóstolos que Cirilo pintou a claro-escuro para a Igreja do Loreto não são mais que a reprodução de algumas das estátuas italianas que decoram o átrio e as capelas da Basilica de Mafra, e é esta a razão em que nos firmamos para aventar a hipótese que atrás expusemos.

Já em 1950, no nosso estudo sobre a estatuária de Mafra, tínhamos acentuado a enorme influência que esses valiosos exemplares italianos de

Setecentos tiveram na mente e na maneira dos nossos melhores escultores nacionais, a exemplo de Machado de Castro, e hoje é com satisfação que vemos o nosso modesto parecer seguido com provas bem evidentes na nossa melhor crítica de Arte (Machado de Castro, em publicação, por Diogo de Macedo). Como Cirilo, também o grande Machado copiou ou consentiu no plágio do seu ajudante Manoel Vieira, para as estátuas de S. Vicente e S. Sebastião do baldaquino de S. Vicente, conjunto escultórico monumental de que o nosso primeiro estatuário foi o dirigente e responsável.

A originalidade de Machado de Castro é quanto a nós um mito e hoje consideramo-lo apenas um bom executante e colaborador do italiano Giusti, em Mafra, e um seguidor admirável das ideias e «riscos» do seu amigo, o grande Vieira Lusitano. São bem elucidativas e concludentes as cartas de Machado de Castro para o Beneficiado Baptista de Castro (1767-68) e para Francisco Xavier de Reis (1770) todas escritas de Mafra, e antes da execução da obra que lhe deu maior renome, a estátua de el-rei D. José.

De 1766 é o célebre presépio do «Beneficiado Oliveira», mais tarde doado por este à Sé de Lisboa, portanto feito também em Mafra. Não nos repugna hoje aventar a atrevida suposição de que o «risco» ou «escarboiso» desta monumental e atrevida concepção à maneira «napolitana», tenha saído também da imaginação do mesmo «Apelles Portuguez», como o intitulava Machado de Castro.

Quando Cirilo vem para Mafra, em 1796, dando-lhe a casa real «hum quarto no Palacio, hum Servente, e hum Ajudante», com uma «pensão de 720\$000 réis», a famosa escola de Arte com origens na magnífica fundação Joanina continuada com os ensinamentos de Giusti, e a colaboração de tantos artistas hoje quase anónimos, estava por assim dizer extinta. Já por 1770, com a vinda para Lisboa de Machado de Castro e muitos dos seus colaboradores na estátua equestre, a cegueira de Giusti, e as andanças por que passou o Convento, da posse dos Arrábidos para os Cónegos Regrantes (1771-1792), a «Escola de Mafra» sofreu um rude golpe.

Com a protecção de el-rei D. José ainda Giusti, apesar de cego, em 1773, foi dirigindo os poucos colaboradores que lhe restavam, mas depois de 1777, com a morte do rei, «os Vicentes representaram á rainha que Justi era totalmente cego e inutil assinaram os discipulos todos, Roberto (Roberto Luís da Silva) à sua testa... (Com) O rei D. José teve o ordenado inteiro depois os Vicentes requereram que tivesse só metade, e o Roberto ajudou... Logo que tornaram os Arrabidos (1792) deu-lhe o príncipe (D. João) todo o ordenado enquanto viveu.» (1799).

Estas notícias de Cirilo a respeito de Giusti, embora dispersas e confusas, sem dúvida escritas em Mafra, mostram-nos o curioso investigador anotando tantos pormenores da vida de alguns dos artistas seus contempo-

râneos e de muitos outros colhendo as crônicas que ainda hoje nos regalam o espírito e a sensibilidade.

Habitou Cirilo no Paço de Mafra os mesmo minúsculos quartos do pavimento térreo (lado Norte) onde já Vieira Lusitano tantos anos tinha vivido com sua mulher D. Inês de Lima (c. 1756 a 1775).

Por 1796, de tantos artistas que colaboraram com Giusti na decoração escultórica dos retábulos da Basílica, muitos tinham morrido, outros tinham-se afastado, podendo-se citar apenas os nomes de quatro escultores, pois ficaram ignorados os nomes de alguns ajudantes, se os houve. Eram eles Joaquim José de Barros Laborão (n. 1762-1820), que foi discípulo do italiano Grossi, e mais tarde colaborador de Manuel Vieira, e por 1790 (?) o sucessor de Giusti na direcção da Escola de Mafra. Depois o escultor Braz Toscano de Melo, que foi admitido como aprendiz em 1756 e morreu em 1823. Casou em Mafra com uma filha do «carpinteiro dos sinos», o italiano Domenico Massa. («Arte e Tradição», em Mensário das Casas do Povo — Março de 1956). As «Memorias» apenas o citam como sendo de Alvito, mas nós que encontrámos e estudámos algumas fontes de informação (inéditas) temos o maior desvanecimento em completar hoje neste Boletim do Museu de Arte Antiga, algumas notícias que Cirilo entendeu não serem necessárias. De há alguns anos que vimos a completar um estudo sobre os artistas que passaram por Mafra, com algumas notícias interessantes para a nossa História de Arte, mas infelizmente não surgiu ainda a oportunidade da sua publicação. O estudo que já tínhamos feito em 1950 sobre o mesmo assunto em que já esclarecemos alguns pontos que andavam obscuros, consideramo-lo nós hoje muito incompleto, apesar de nada se ter adiantado depois da nossa modesta contribuição.

«Braz Toscano de Mello f.º de M.ª de Mello Pr.ª e de Joanna Toscana na da V.ª de Alvito frg.ª de N.Snr.ª da Sumpção e onde foi baptizado néto pella p.ª Paterna de Gaspar Pr.ª de Mello, e pella Materna de Mathias Toscano, e de Jeronima Feya já defuntos.»

Este artista, que desde 1756 até à sua morte, em 1823, nunca abandonou Mafra, tivemos conhecimento por amabilidade duma sua descendente, dum documento bem curioso que em muito esclarece a sua acção didáctica na Escola de Mafra.

«Eu Bras Toscano de Mello, atesto e sertefico q por ordem do Ex.º Viscd.º de Santarem, Superent.º q foi desta Real Obra de Mafra, admeti na Real Aula da Escultura da d.ª V.ª a Estevão Antonio f.º de Siverio Ant.º do qual tenho sido seu Mestre, mostrando o d.º meu disípolo hũa natural propenção, e abelid.º pr.ª a d.ª Arte, tanto no desenho como no modêlo, tendo se tão bem portado com m.º brio e honra dando boa conta de tudo q lhe

tenho mandado fazer, e por tudo ser verd.^o lhe passo a d.^a atestação Mafra 26 de Junho de 1822».

Neste ponto é necessário esclarecer que a aula de «modelo» a que se refere Braz Toscano, e perante as informações de Cirilo, deve-se a este último, grande entusiasta da «aula do nú» como indispensável para o estudo sério de qualquer artista plástico.

Quando Cirilo nos descreve todas as dificuldades para fazer vencer a sua ideia, informa-nos que «antes do nosso estabelecimento parecia aquella empreza a huns impossivel, e a outros difficultosa; mas depois facilitou-se tanto, *que se fez o estudo nú, tambem em Mafra...*».

Como veremos quando analisarmos os desenhos preparatórios de Cirilo para as suas composições decorativas de Mafra, raras são as figuras esquisadas, sobretudo as que se destinavam à «Sala das Descobertas», que não sejam estudos de nú, mesmo aquelas que na pintura definitiva nos surgem vestidas.

O outro escultor que Cirilo veio encontrar em Mafra no período 1796-1807, foi Roberto Luiz da Silva, figura que nos é revelada de péssimo carácter perante a infelicidade de Giusti, e que tendo sido dos primeiros aprendizes a ser admitido pelo mestre estatuario italiano, por 1754, veio a pretender o seu lugar de dirigente, que afinal mais tarde foi concedido a Barros Laborão.

Em 1761 ainda ele era considerado «aprendis de Escultor», mas em 1788 acabava-se o baixo relevo de N.^a Senhora da Conceição, feito pelo seu «modelo», e era colocado numa das capelas colaterais da Basílica. O seu nome completo era «Roberto Luiz da Silva Campos, filho de João da Sylva Campos, carpinteiro e de Thereza de Jesus; m.^{or} no Citio desta real obra de Mafra e Baptizado na frg.^a de N.Snr.^a da Penna da Cid.^o de Lisboa.»

Por fim Cirilo encontra em Mafra uma das figuras mais destacadas deste meio artístico «provinciano», o escultor José Patrício, († 1840) que «foi admitido em 1767», e no seu convívio de mais de vinte anos com os Cónegos Regrantes de S. Vicente (1771-1792) de tal modo se afeiçoou à vida conventual, que em 1803 «deixou o Século» e entrou para o Convento de S. Vicente de Lisboa.

Tendo os frades arrábidos voltado em 1792 para o seu convento, em 1833 são mais uma vez expulsos e entregue o convento de Mafra novamente aos cónegos regrantes de S. Vicente. Pouco tempo aqui se conservaram pois em 1834 foram extintas as ordens religiosas e de alguns dos cónegos que ficaram por Mafra é Conceição Gomes quem nos informa ter sido D. José Patrício, «artista eminente, cujas últimas lições ainda recebeu.» Tanto Cirilo como Conceição Gomes apenas nos informam que seu pai foi «Pedro Antonio

Luquez», o mesmo que tinha sido ajudante desbastador do italiano João António de Pádua e que Giusti trouxe para Mafra.

O apelido de «Luquez» dado por Cirilo e repetido por Conceição Gomes, sem nos esclarecer sobre a sua origem, tem dado ocasião a supor-se ter origem na terra em que terá nascido, «Lucca», na Itália. (Machado de Castro, por Diogo de Macedo).

Era «Pedro Antonio f.^o de Pedro An.¹⁰ e de M.^a Margarida, natural de Bioge Estado de Millão ... e hé Oficial de Escultor da Cantaria no tilheiro do Mestre Alexandre juste nesta real obra», casado com «Maria Sizzilia avogadria n.^{al} de Milide Baptizada na freg.^a de São guyrri (?) Bispado de Como ... f.^a de Pedro Castello e de Jozefa Castella dad.^a freg.^a de São guyrri...».

O pai de José Patrício era portanto Milanês e porventura lhe terão dado a alcunha de «Luquês» por ele ter feito a sua aprendizagem de cantor escultor em Lucca, na Toscana, a dois passos de Massa e Carrara, e que desde o séc. XVI até 1799 foi república independente. Eram vulgares neste tempo as alcunhas, a exemplo do escultor com quem o «Luquês» trabalhou, João António Bellini (de Pádua) e o «Fancé» de que Cirilo nos fala, talvez abreviatura do seu nome que devia ser «Fancelli».

Da mesma forma o apelido do escultor José «Patrício», devia ser uma alcunha, pois o seu verdadeiro nome e que ele assinava nos desenhos que conheço, era «Joze Avogadri», o apelido de sua mãe ⁽¹⁾.

Por fim, como contribuição e esclarecimento às notícias de Cirilo, pasamos a dar sobre Giusti os seus dados biográficos também inéditos nos anais da nossa História de Arte, e que julgamos possam ser úteis aos nossos ilustres críticos e investigadores.

Alessandro Giusti era filho de «Jorge Fr.^{co} juste e de sezillia Persica», «todos Romano», e casado com «Thereza Justi n.^{al} da Cid.^o de Lisboa, f.^a de Antonio Pecorario n.^{al} de Napoles e de Barbora M.^a Romana».

Por uma carta inédita da princesa Maria Barbara, para sua mãe, que encontrámos no Arquivo Histórico de Madrid, e datada de 1729, sabemos que o sogro de Giusti, António Pecorari, músico da Capela real, acompanhou a filha de D. João V a Espanha, onde deve ter entrado «p.^a o serujcio del Rey». (Filipe V).

Era numerosa a família de Giusti pois além de seu cunhado, «Antonio Pecoraro, primeiro discípulo desta Aula,» o qual nove anos mais tarde se dedicou à música como seu pai, indo estudar para Nápoles, e de sua cunhada

⁽¹⁾ São dois desenhos inéditos e interessantes, feitos a sanguínea, com assuntos da História de Roma, em forma de «luneta», pertencentes ao Presidente da Câmara Municipal de Mafra, Cap. João Lopes.

«Leonor M.^a Izabel», encontramos no seu agregado familiar pelo menos três filhas e dois filhos: «Marianna Justa — M.^a vittoria Pecoraria — Izabel Barbara Justi — Pedro Miguel Justi e Jozé Jacome Justi».

Supomos que os dois filhos de Giusti, habitando em Mafra por 1780, fizessem também parte do escol de aprendizes ou ajudantes da escultura mas sem nenhuma actividade digna de menção, visto que Cirilo os ignora.

Quando analisámos em 1950 os trabalhos escultóricos desta memorável Escola de Arte, procurámos definir e concretizar cada uma das obras pelos seus períodos e até pelos seus autores, seguindo como indispensável a cronologia de certo modo dada por Cirilo.

Da mesma forma também nas suas decorações murais quem melhor nos elucida são os desenhos de Cirilo no Museu de Arte Antiga e melhor ainda os seus escritos, alguns inéditos.

Pelas anotações cuidadosas e metódicas com que Cirilo «ilustrava» os seus esboços uma vez feitos a lápis outras à pena, podemos concluir com uma certa exactidão a maneira, técnica e processos como executava as suas composições decorativas nas descomunais abóbadas e paredes do Paço de Mafra, e até as datas precisas do seu labor.

Depois do entusiasmo e avultadas despesas do «Magnânimo» na edificação do monumental mosteiro e Basílica, aos quais se deu maior riqueza arquitectónica e decorativa que ao Paço real, a única obra de considerar e com repercussão em todo o século, foi, chamemos-lhe assim, a fundação duma escola de Arte, sob os auspícios de D. José.

Os melhores discípulos de Ludovici na «Casa do Risco» de Mafra, depois do terramoto, são atraídos para as obras utilitárias da «nova Lisboa» e para grandiosos ou graciosos empreendimentos, como a Estrela ou Queluz com a «Piedosa» Maria e seu marido Pedro, o mais digno Mecenas e artista que secundou seu pai, o régio fundador de Mafra.

Os velhos e quase seculares casarões do Paço Joanino ficaram portanto abandonados e na nudez confrangedora de paredes caiadas e pavimentos «ladrihados», cuja algidez e severidade conventual nunca teve o conforto duma única chaminé de aquecimento. Eram mais severas as câmaras do Paço que as celas do Convento, pois estas tinham pelo menos os pavimentos de boas madeiras e o mobiliário indispensável ao seu conforto e deleite espiritual.

Construiu-se um Paço monástico e não régio, pois com a maior riqueza decorativa dos nossos melhores mármore apenas se revestiram as paredes, tectos e pavimentos do belo e harmónico conjunto da «Logea da Benedictione», situada a meio da galeria de ligação dos aposentos reais e por assim dizer a «sala de recepção» da Basílica ou «Capela Real» como algures lhe chamaram no Setecentos.

A este belo conjunto arquitectónico ideado por Ludovici para o tempo memorável de 1730, encontrou Cirilo a sua directa sequênciã e inspiraçãõ nos dois «Oratórios» dos reais aposentos ou «Pallacios», em belos mármore policromos e lustrosos, de lindos pavimentos embutidos e duas telas «alambicadas» duma das promessas mandadas para Roma pelo Mecenas D. João V, o pintor Oliveira Bernardes.

Com a chegada de Cirilo, a Mafra em 1796, e com o beneplácito do Príncipe Regente D. João, inicia-se no Paço uma nova era de fausto e muni-ficência, voltando os simpáticos frades arrábidos a assistir na sua Igreja a uma renovação estética e artística que se chamou «Neoclássica». A inclina-ção religiosa do Príncipe Regente, amante do cantochão e das pompas litúr-gicas, atraem-no a Mafra e aos seus frades com freqüência desusada, tra-zendo para o desconfortável paço quanto de belo e acolhedor poderia satis-fazer o seu gosto requintado e com hábitos feitos em Queluz, Necessidades, Belém e Bemposta.

Os seis velhos e «ricos» órgãos barrocos entalhados e certamente «dou-rados», tão admirados pelo culto Baretti, por 1760, e que fizeram sonoro e melodoso acompanhamento aos magníficos cantores italianos da Patriar-cal, no momento da Sagração em 1730, com a assistência do magnífico João o 5.º, foram substituídos depois de meio século de uso e transformações, pois deviam estar irreconhecíveis e indignos das novas concepções artísticas e estéticas do tempo do Príncipe Regente mais tarde D. João o 6.º.

Os esculptores que ainda subsistem das lições de Giusti, como o Toscano de Melo e o «Patrício», vão acabando as lunetas das capelas, aproveitando os «nus» do «saloi» desconfiado e matreiro, para representarem o «Cireneu» musculoso que ampara a cruz do Nazareno e os judeus que o açoitam na «Subida para o Calvário». Esboçam «A Ceia» inspirando-se no ambiente conventual que lhes era familiar, e decoram de estatuetas de barro o minús-culo e primitivo jardim da «cascata», no Cerco dos frades, desaparecido há poucos anos pelo «camartelo florestal», na ânsia renovadora e infeliz de imitações e simetrias mal digeridas do ambiente grandioso e raro de Sete-centos. As estatuetas, essas, em períodos conturbados e difíceis, mutilaram-nas ou sumiram-nas pelos canos do Convento como faziam ao francês usur-pador, ou «afogaram-nas» no poço da nora, como aconteceu a um «guerreiro romano» que carinhosamente conservamos no Museu de Arte Sacra anexo ao Palácio.

Cirilo foi de encontro ao gosto do Príncipe Regente; para as cerimónias do «beija-mão» e de audiência à sua corte, não bastavam os móveis ricos e dourados, o dossel adamascado e pomposo e as tapeçarias raras de Bruxelas ou os «panos» simplórios do tapeceiro de Tavira que mais tarde virá a ins-talar-se em Mafra, era necessário formar o ambiente decorativo e pictórico,

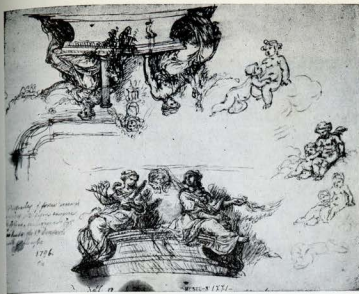
encher as paredes de «quadraturas» e forrá-las de telas históricas, mitológicas e sagradas dos melhores artistas nacionais, vindos alguns deles também das Academias de Roma, como Sequeira, Vieira Portuense, Foschini, Callisto, Taborda e por fim Cirilo.

Infelizmente todas essas produções dos melhores pincéis do tempo do Príncipe Regente, assim como o tradicional e precioso recheio dos salões de Mafra, tudo foi levado para a nova corte do Rio de Janeiro, em 1807, ficando apenas no velho Paço abandonado e solitário, os retângulos vazios das «quadraturas» de Cirilo, as legendas da sala das «Descobertas como marco e lembrança dos artistas pintores que a decoraram, e pelos casais saloios, alguns trastes, pinturinhas ou lembranças, hoje quase tudo devorado pelo apetite insatisfeito dos antiquários e colecionadores.

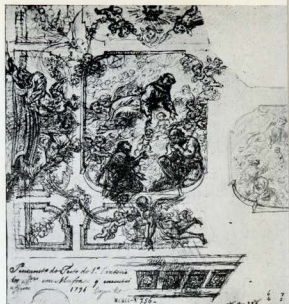
A primeira decoração que Cirilo começou em 1796 foi, como ele escreveu, o «tecto do oratório da parte do sul», ou de N.^a S.^a do Livramento como a intitulou Frei Cláudio da Conceição referindo-se ao assunto do painel do altar, pintado por Oliveira Bernardes.

Assim explica Cirilo aos vindouros o assunto da sua composição, pois bem conhecia como a memória dos homens é débil e a «tradição» tantas vezes falseada e mistificada em relação ao esforço e talento dos Artistas:... «Desde os anos 1710 a 1792 viu-se Portugal duas vezes consternado por falta de sucessão da Casa Real, e duas vezes viu felizmente continuar por intercessão como piamente crê, do Taumaturgo Lisbonense. A Igreja e Convento de Mafra é um autêntico e não vulgar testemunho do primeiro favor; assim como a pintura deste teto poderá conservar a memória do segundo; S. João Baptista, S. Carlos, e Santo Antonio, prostrados diante da S.S. Trindade, intercedem pela sucessão do trono; as suas súplicas são deferidas; e enquanto os demais rendem graças pelo benefício, Santo Antonio, o principal intercessor, envia a desejada prole aos Augustos Projenitores. O Anjo Custodio do Reino é o seu condutor».

Nos dois graciosos esbocetos do Museu escreveu o pintor a técnica que empregou na sua execução, o «fresco», já quase esquecida dos seus contemporâneos e substituída pelas têmperas e também pelo óleo, como meio mais simples e de resultados brilhantes mas de efêmera duração, como veremos, ao analisarmos outras salas decoradas por Cirilo no mesmo Paço de Mafra. São raras as composições do nosso pintor, em Mafra, em que não intervenham as «grisailles» ou pintura a claro-escuro, inspirada na imitação do baixo-relevo e também da estatuária, umas vezes com predomínio dos cinzentos e brancos, e outras dos ocre, em alegorias simbólicas de «virtudes» representando a Força, a Justiça, a Prudência, a Realeza, a Magnificência, Religião, Infelicidade, aliadas a musculosos ou grotescos «atlantes» e gráceis «cariátides»



Estudo para as «Virtudes» no tecto do Oratório de N.ª S.ª do Livramento



Estudo para o tecto do Oratório de N.ª S.ª do Livramento



Estudo para o tecto da Sala dos Destinos



Estudo para o tecto da Sala dos Destinos



Tecto da Sala das Descobertas



Pormenor da decoração ornamental da Sala das Descobertas

suportando arquitraves e entablamentos imaginários, à maneira dos seus mestres de adopção, «Rafael, o antigo»...

Apesar de Cirilo não identificar a decoração nem a época em que pintou a «Sala de audiências» ou do trono, na ala norte do Palácio e em comunicação quase directa com a antiga enfermaria dos frades convalescentes, já nesse tempo adulterada e transformada em «Capela real», supomos que no ano seguinte, em 1797, com a colaboração de Sequeira, esboçando este a ideia geral, Cirilo lhe tenha dado começo com o auxílio do seu ajudante Bernardo de Oliveira Goes.

Foi este o seu fiel discípulo e colaborador, primeiro em Mafra e depois na Ajuda, de quem o seu Mestre faz o elogioso retrato nas «Memórias», hábil ornamentista habituado já às dificuldades do fresco em estuque, ao óleo e às têmperas, e o que é mais curioso, ocupando-se também na investigação, ajudando Cirilo «nas indagações» e notícias de Arte, que deixou para a posteridade.

Também é na colecção de desenhos do Museu de Arte Antiga que encontramos a confirmação exacta da colaboração de Sequeira com Cirilo, pois ali tivemos o ensejo de apreciar os esbocetos desenhados pelo primeiro artista que serviram a Cirilo para executar as «grisailles» das guerras da Restauração que decoram a sala das audiências de Mafra, esbocetos esses que também tivemos ocasião de expor no bi-centenário de D. João V, em 1950.

Na biografia elogiosa e superior que Cirilo escreveu de Sequeira, relatamos o abatimento e tristeza em que se encontrava em 1796 o «Académico de mérito» das Academias de Roma, rerém-chegado a Lisboa pouco antes da partida de Cirilo para Mafra. Propôs Sequeira a Cirilo e a Pedro Alexandrino «a união de todos os artistas» para «exaltar a Arte, dando-lhe mais estimação, e maior valor às obras».

Mas Cirilo mais desiludido e abatido que Sequeira na luta de tantos anos em prol da Arte, está em vésperas de caminhar para o isolamento e «eremitorio» de Mafra, antecipando-se ao seu moço colega que pouco depois vem a ser «Monge na Cartuxa».

Embora Cirilo «não se confesse» nem escreva uma linha sobre a sala mais rica de Mafra, o que estranhámos, leva-nos a supor, sem querer amesquinhar os seus méritos, que Sequeira tenha tido parte mais activa nesta decoração, que a que vulgarmente lhe é atribuída.

Assim, sem nenhuma prova que o documento, sempre pensamos que além dos desenhos para as «grisailles», Sequeira, a convite amigo de Cirilo, tenha também esboçado as graciosas e decorativas figuras simbólicas da «Diligência, Constância, Concórdia, Generosidade, Ciência, Docilidade, Perfeição e Tranquilidade», que enchem as paredes desse magnífico salão.

Os processos de trabalho de Cirilo eram honestos mas a sua ânsia de pro-

duzir era também muito grande, e hoje melhor compreendemos o seu despeito e emulação pelos mais novos, como Sequeira e Vieira Portuense, aos quais foi dado o encargo de dirigir poucos anos depois, em 1802, as «Pinturas do novo Palácio de Nossa Senhora da Ajuda», além dos cargos e honorarias de primeiros «Pintores de Camera».

Cirilo já com mais de cinquenta anos, com uma cultura que excedia em muito a média dos artistas seus contemporâneos, com um passado brilhante embora sem a fortuna de ter obtido a «pensão de Roma», mais desiludido deve ter ficado no seu afastamento de Mafra, enquanto outros mais novos, embora com talento, «dirigiam e executavam a melhor parte das pinturas no Paço da Ajuda».

No entanto, em Mafra era considerado, e «pontificava» junto dos artistas escultores que ainda trabalhavam no antigo «Tilheiro de Mestre Giusti», situado onde são hoje as primeiras casas da antiga «rua nova», em frente à Basilica, e onde a tradição perpetua o desejo do Magnânimo fundador, de «abrir uma grandiosa avenida até ao mar».

Como Cirilo confessa na sua interessante auto-biografia, «apezar do seu modo pouco agradável, e assás acanhado, Sua Magestade e toda a Família Real, em atenção aos seus anos sempre se dignou de lhe conceder hum dos primeiros lugares entre os seus dignísimos Collegas, em Mafra».

Enquanto Sequeira comungava como «colaboracionista» com o invasor, Cirilo confessa que «nada recebeu dos Francezes, antes foi demittido por elles», o que muito abona em favor do seu patriotismo e mostra a dedicação ao seu rei no exílio.

Tinha portanto Cirilo o lugar de Mestre na velha Escola de Arte, em Mafra, dispondo até dos serviços do seu último dirigente, o escultor Braz Toscano de Melo. Dos esbocetos de Sequeira para a sala das audiências, mandou Cirilo executar e interpretar em baixo-relevo os mesmos assuntos, dos quais encontramos ainda dois, de batalhas, expostos no Museu do Palácio de Mafra.

E sabemos que Cirilo se utilizava desses estudos em relevo feitos pelos escultores de Mafra, por um desenho do Museu de Arte Antiga que bem esclarece os seus processos curiosos de execução, para melhor compreensão e correcção dos efeitos de perspectiva em figuras «voejantes» ou penduradas nas nuvens, rompendo os céus e balaustradas architectónicas, visionadas num barroquismo extemporâneo inspirado no seu tão decantado Padre Pozzo.

Esse desenho que hoje nos revela a digna Direcção do Museu de Arte Antiga, abrindo sempre com gentileza as suas portas aos estudiosos e em tudo lhes facilitando a «descoberta» duma peça rara das suas colecções, tem os seguintes dizeres escritos sem dúvida pela mão de Cirilo: «Apontam.º q̃ se modelarão em barro p.º o tecto dos Destinos em Mafra 1799». E mais

abaixo as seguintes determinações que eram ordens para Braz Toscano ou até para o substituto de Giusti, o «Cavalleiro Barros», como Cirilo lhe chama mais tarde fazendo o seu elogio, e dizendo-nos que «modelava com graça e elegancia»: «Estas figuras, nao importa q̄ sejaõ mais pequenas q̄ as outras, no cazo q̄ isso faça poupar algum trabalho: emq.^{to} se fazem estas, fico eu desenhando o gruppò principal, q̄ he m.^{to} maior: dezejo abrevid.^o possivel».

A seguir à sala das audiências devia ser esta dos «Destinos» das mais importantes, pois nela representou Cirilo a «Genealogia da Casa de Bragança», decoração que julgamos única pela raridade e complexão do assunto, e para a qual chamámos há anos a atenção do ilustre investigador Ernesto Soares, que publicou uma interessante notícia iconográfica no seu Dicionário.

Conhecendo de perto e em todos os pormenores esta decoração, sabemos que infelizmente foi pintada por Cirilo a óleo, e por essa razão encontrava-se de há anos muito danificada e quase perdida não só pelos materiais adoptados, como ainda por antigas infiltrações de águas e até por aprisco de cabras ou toca de coelhos que em tempos infelizes estiveram instalados no pavimento superior chamado «mezaninos».

De há alguns anos a esta parte e depois de dignificado o grandioso Monumento de Mafra e tantos outros, pelos cuidados e proficiência das illustres Direcções-Gerais dos Edifícios e Monumentos Nacionais e Fazenda Pública, também as raras decorações das salas do velho e abandonado Paço de Mafra têm merecido o carinho de restauros e reconstituições adequadas bem dignas do bom nome de quem as manda executar em prol da Arte e a bem do Património Nacional.

Para a sala dos «Destinos» que nos é descrita pelo seu autor nos mais ínfimos pormenores, e que supomos nunca terá acabado, por contrariedades que lhe surgiram no decurso do trabalho, pensou pintar as «medalhas», com os retratos a claro-escuro de D. Afonso VI, D. Pedro II, D. João V e D. José, e acrescenta: ... «Se eu nesta casa depois de pintar toda a genealogia da Casa de Bragança não collocasse num lugar superior e com tintas mais brilhantes o retrato de S. A. ... mas a porta que se abriu na grande parede parece formar um invencivel obstáculo. Eu digo que não. O conceito que se deveria fazer da arte e do engenho se não fossem capazes de vencer tão pequenas difficuldades, eu vejo ali lugar sufficiente para um grande painel e para uma porta dez vezes melhor que a actual».

Esta porta a que se refere Cirilo foi de facto mandada abrir no seu tempo e com grande arrelia do artista, pois a sua ideia devia ter sido pintar o retrato do Principe Regente nessa parede, e não em tela, mas que nunca chegou a realizar, e na intenção de tapar a citada porta. Serviu essa porta para comunicar directamente com a que nesse tempo chamavam «sala da guarda», onde outro artista (?), talvez Manuel da Costa, terá pintado uma

alegoria a Diana caçadora, inteiramente plagiada da tão celebrada e graciosa composição de Domenichino.

Não julgamos Cirilo capaz de se servir de estampas e se fosse ele o autor, teria lembrado essa decoração nos seus escritos. Talvez que a sua indignação com a abertura da porta, fosse resultante de incompatibilidades com o colega que ao lado estava a «macaquear» o grande pintor italiano de Seiscentos.

Basta analisar os esboços de Cirilo e os cuidados e escrúpulos que tinha na concepção dos seus trabalhos, seguindo sempre a verdade histórica, até da fábula, que ele nos mostra conhecer profundamente, para repudiar a atribuição que lhe possam dar desse plágio inferior, e mesquinho.

Já do ano anterior, em 1798, nos surgem muitos esboços preparatórios para as figuras decorativas e históricas da que Cirilo chama a «Casa das Descobertas». Esta bela série de oito apontamentos desprezíveis, adquiridos há pouco para a notável coleção de desenhos do Museu de Arte Antiga, da autoria de Cirilo, são quase todos estudos de nu e do natural, como o seu autor identifica alguns deles: «Estudo do N.^o 1.º p.^a Vasco da Gama 1798».

Neste tecto dá o pintor o lugar de destaque a Vasco da Gama e a Pedro Álvares Cabral, assim como ao Adamastor de Camões, esta a interpretação mais curiosa que conhecemos. Alguns estudos de «Ventos» mitológicos com marcações anatómicas de conhecedor, e uma figura graciosíssima de efebo correndo nas nuvens e segurando o retrato do Infante D. Henrique, que muito perde na interpretação definitiva da pintura cheia de barrocos panejamentos e significando a «Fama».

Outro «Estudo do N.^o 1.º p.^a a Esperança no Quadro das Descobertas 1798», que no apontamento é uma figura de homem segurando a âncora e apontando para o globo como centro da composição, e em definitivo nos surge como uma graciosa figura de mulher também envolta em complicadas roupagens. Em Mafra nunca deve ter sido fácil encontrar modelos femininos, mas contra a regra, sabemos que Machado de Castro casou pela segunda vez com uma saloia, nos catorze anos que foi ajudante e também discípulo de Giusti.

À volta do assunto principal, a epopeia das Descobertas, com uma certa riqueza decorativa e grandiosidade que Cirilo sabia imprimir às suas obras pictóricas, descreve-nos o seu condescendente autor os assuntos das composições laterais, «ornamentados com arabescos aonde aparecem alguns pagodes sustentados por ricas esfinges».

Todo este conjunto rico de cor e duma matéria gorda e saborosa em pinceladas vigorosas e sapientes, perde com a distância a que se encontra o apreciador normal, mas nós que já sentimos de perto, no andaime, a graça

e espontaneidade da sua pintura, não podemos conter a nossa admiração por este pintor ainda «inérito» para a nossa melhor crítica de Arte.

As paredes desta sala eram decoradas com painéis de Sequeira, Vieira, Cirilo, e outros contemporâneos, pintados a óleo, e com assuntos da nossa História das Descobertas. É de lastimar ainda não tenham sido revelados por algum benemérito brasileiro, pois por lá ficaram levados por D. João VI e por tal forma foram guardados que nunca conseguimos saber onde se encontram.

De 1800 e 1802 datam ainda dois estudos de Cirilo para Mafrá, um que o autor intitula vagamente «Pensam^{tos}.^{os} p.^a Mafrá», com cupidinhos alados segurando um medalhão ou em atitudes indefinidas que podem ter servido de motivo para qualquer das salas que ele deixou descritas, e outro o estudo para um dos quadros que pintou para encher uma das muitas quadraturas da sala dos Veadores, em que representou no tecto o «precipício de Faetonte». É este, quanto a nós, um dos mais inferiores de composição e de desenho, mantendo-se no entanto a mesma toada decorativa e riqueza de colorido, e que supomos seja também pintado a fresco.

Por fim, se exceptuarmos algumas das salas do Palácio exclusivamente decoradas com «arabescos, ornatos, quadraturas e flores», em que Cirilo teve bons discípulos e em que era também exímio, resta-nos citar o complemento decorativo e histórico da primeira composição que executou em Mafrá no Oratório do lado sul. Este tem continuidade pelo assunto, no Oratório do lado norte ou de S. José, e na «Saleta» também do lado sul, em que Cirilo nos informa ter pintado «La Fecondita... la maggiore felicità che possa havere una dona maritata...». Continua a referir-se e a simbolizar que «O Sr. Infante D. João era casado havia sete anos e não tinha filhos...». Ainda sobre a mesma curiosa composição mitológica em que predomina «a deusa da Fecundidade tendo em cada mão uma cornucópia das quais vão saindo muitos meninos», e no centro as «Quinas Portuguesas», Cirilo escreve que «os Portugueses precisaram, pediram e obtiveram esta felicidade para a Sereníssima S.^{ta} Princesa do Brazil...» e acrescenta que «a memória deste successo pintada poeticamente não pode deixar de ser grata aos leaes Portugueses e a todos aqueles que amam a Justiça e a propria conveniencia».

Depois de pintar e descrever todos os deuses do Olimpo termina assim a sua longa prosa a respeito da fecundidade: «Estas são as cousas segundo o sistema da antiga Filosofia que concorrem e influem sobre os princípios e os fins da vida que a fecundidade produz».

No Oratório do lado norte como no do sul a sua composição integra-se bem no ambiente architectónico e representa o agradecimento dos príncipes «ao Benefício do Ceu», concedendo-lhes a prole desejada.

É interessante apreciar os conceitos de Cirilo a respeito das novas ideias

revolucionárias do século em que viveu: «Em qualquer tempo esta acção seria muito louvável, mas em um século em que desgraçadamente se chama Filosofia à cegueira, à impiedade e até ao Atheismo: em um tempo em que se preferem os Rousseaux e os Voltaires e Regnards aos Jeronimos, aos Gregorios e aos Agostinhos, é desempenhar e merecer de novo o título glorioso de Príncipe Fidelissimo e deixar aos vindouros um exemplo bem digno de ser imitado».

Nos pequeninos «quartos» que habitou Cirilo, ali deixou, como Vieira Lusitano, um gracioso estudo pintado a fresco, duma figurinha feminina simbolizando a «Flora». Fica hoje identificado por nós, este fresco, pelo conhecimento mais profundo da maneira, técnica e toque delicado do pintor, bem definido na cabeça, mãos, panejamentos, e nas flores que a deusa deixa cair como dádiva de Primavera.

Não passou dum belo estudo esta linda e graciosa composição de Cirilo, que iria decorar mais uma das salas de Mafra vazias e desconfortáveis, a partir desse memorável ano de 1807, com a ausência do rei, da sua corte, e dos seus artistas.



Estudos para a decoração da Sala das Descobertas



Aspecto da exposição «A Virgem na Arte Portuguesa»

EXPOSIÇÕES

1954

EXPOSIÇÃO DE OBRAS DOCUMENTADAS DE MACHADO DE CASTRO E DA SUA OFICINA NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Como parecia conveniente que no Museu Nacional de Arte Antiga existisse uma sala reservada às produções de Machado de Castro e dos seus colaboradores, que tanta intervenção tiveram nas obras da cidade antes e depois do Terramoto de 1755, julgou-se conveniente para sua preparação que se promovesse um certame daquilo que, no Museu, existia desses artistas.

A exposição foi organizada pela Conservadora Maria José de Mendonça e dela se redigiu um catálogo dactilografado, depois publicado no Boletim do Museu, vol. III, n.º 1. A exposição esteve patente ao público durante o mês de Março. Mais tarde, embora com carácter provisório, inaugurou-se a sala acima mencionada.

A VIRGEM NA ARTE PORTUGUESA

Por iniciativa da Irmandade das Escravas de Nossa Senhora da Conceição e em comemoração do Ano Jubilar Mariano de 1954 o Museu apresentou um certame de imagens da Virgem, do século XIV aos fins do século XVIII, com espécies pertencentes ao Museu, a entidades religiosas e a colecções particulares.

A exposição foi organizada pela Conservadora Maria José de Mendonça e dela se publicou um catálogo ilustrado, com prefácio do Reverendo Cônego A. de Figueiredo.

A exposição esteve aberta ao público de 15 de Maio a 15 de Junho.

EXPOSIÇÃO DO TRÍPTICO DE GERARD DAVID E DE FAIANÇAS DA ANTIGA FÁBRICA DE VIANA, OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELO ESTADO

O Senhor Doutor Artur Águedo de Oliveira, antigo Ministro das Finanças, em boa hora promoveu a aquisição de importantes espécies que se juntaram neste certame promovido pelo Museu.

Há muito se pensava adquirir para o Estado a obra da oficina de Gerard David por ter pertencido a uma instituição religiosa do Funchal. Depois de lentas e difíceis negociações só, em 1953, se procedeu à sua aquisição, e

dessas diligências dá conta o artigo publicado pelo Dr. João Couto no número anterior deste Boletim.

A colecção de Faianças da antiga Fábrica de Viana é um notável conjunto que pertenceu ao coleccionador Dr. Alfredo Queirós e que felizmente o Estado não deixou dispersar.

A exposição que esteve patente ao público durante os meses de Março e Abril, foi organizada pelo Senhor Augusto Cardoso Pinto, Director do Museu Nacional dos Coches, a quem se deve igualmente a elaboração do respectivo catálogo.

PORTUGAL NA ÍNDIA, NA CHINA E NO JAPÃO. RELAÇÕES ARTÍSTICAS

Desde o tempo do Dr. José de Figueiredo que o Museu se tem preocupado com o problema das relações artísticas de Portugal com o Oriente, nunca se tendo perdido de vista a aquisição de espécies representativas.

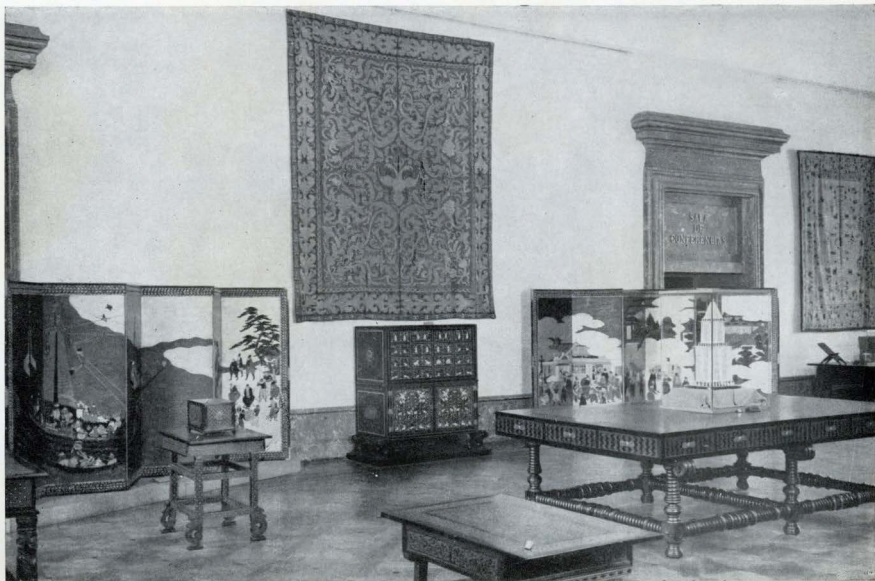
Últimamente intensificou-se essa política do Museu e alguns objectos de grande importância foram adquiridos, sobretudo devido ao auxílio prestado pelo antigo Ministro das Finanças, Senhor Doutor Águedo de Oliveira. Assim foi possível adquirir os biombos japoneses e as espécies da Colecção do diplomata Costa Carneiro. Com todo este excelente material constituído por móveis, tecidos, peças de prata, marfins, lacas, etc., a Conservadora Maria José de Mendonça organizou uma exposição de que se publicou um catálogo ilustrado, certame que marcou para o Estabelecimento uma posição nacional e internacional no campo das relações artísticas e das influências entre a arte metropolitana e as artes autoctones dos países orientais que mantiveram contactos com Portugal.

A exposição foi inaugurada no mês de Setembro, mantendo-se ainda patente ao público em duas salas do primeiro piso do Palácio das Janelas Verdes.

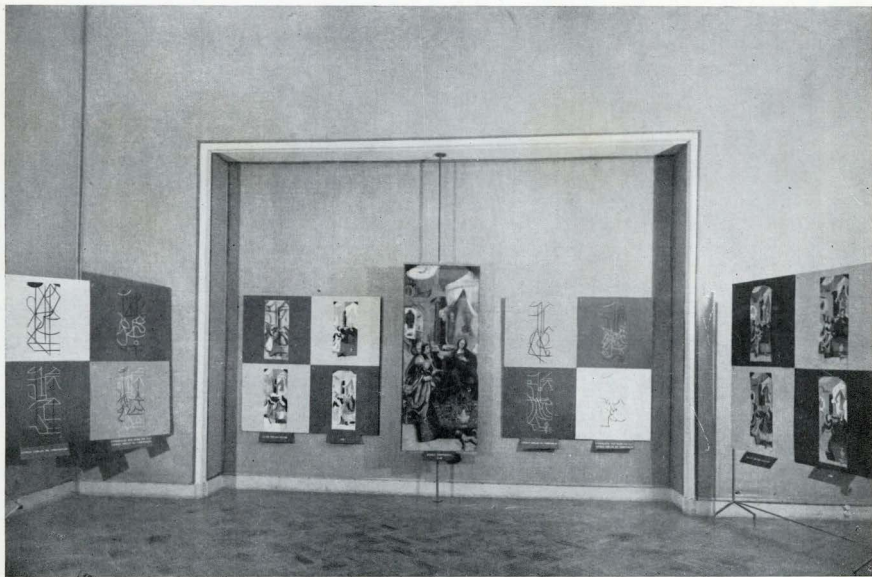
EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS SOBRE AS ACTIVIDADES DO LABORATÓRIO DO MUSEU DO LOUVRE

Em 8 de Novembro o Museu, em colaboração com o Instituto de Alta Cultura, promoveu a vinda a Lisboa de Madame Magdeleine Hours que realizou no Museu as palestras adiante mencionadas e organizou uma exposição de fotografias referente às actividades do Laboratório que dirige no Museu do Louvre e com a qual o Museu de Lisboa mantém aturado intercâmbio.

Na exposição figuraram exemplificações do restauro de pinturas de



Aspecto da exposição «Portugal na Índia, na China e no Japão»



Aspecto da exposição «Estudos sobre um tema de pintura»

Leonardo da Vinci e de outros mestres e do exame pelos agentes físicos que antecedeu esse trabalho.

1955

ESTUDOS SOBRE UM TEMA DE PINTURA

Com desenhos de alunos da Escola de Belas Artes que frequentaram o Museu e estudaram as suas obras, efectuou-se uma exposição organizada pela pintora Teresa de Sousa e seus colaboradores: Lourdes de Castro, Cruz de Carvalho e José Escada — e que teve por objectivo exemplificar processos de composição e de factura em obras do século XVI, representando o tema da Anunciação. Serviram de modelo obras de Frei Carlos, dos Mestres dos Retábulos do Paraíso, Santos-o-Novo e dos painéis quinhentistas da Colecção Burnay e ainda do Mestre de 1549.

A exposição esteve aberta de 16 de Abril a 1 de Maio.

PINTURAS DOS SÉCULOS XV E XVI DA ILHA DA MADEIRA

DEPOIS DO SEU RESTAURO

Antes de regressarem à Ilha da Madeira onde iam constituir o núcleo essencial do novo Museu de Arte Sacra Diocesano, organizado pelo Reverendo Prelado com a colaboração da Junta do Distrito Autónomo do Funchal, o Museu Nacional de Arte Antiga entendeu que era oportuno apresentar essas obras, depois de beneficiadas no Instituto de Restauro por Mestre Fernando Mardel e seus colaboradores.

Da exposição publicou-se um catálogo para o qual o Senhor Dr. Manuel Cayolla Zagalo escreveu um prefácio.

A exposição esteve aberta durante o mês de Maio.

OBRAS DE NICOLAS DELERIVE

(1755-1818)

Com a colaboração do Instituto Francês, o Senhor Augusto Cardoso Pinto, Director do Museu Nacional dos Coches, promoveu uma exposição de obras do pintor francês Nicolas Delerive para a qual se reuniu um número apreciável de trabalhos pertencentes ao Museu Nacional de Arte Antiga, aos Palácios e a colecções particulares.

Para ilustrar a exposição publicou-se um catálogo para o qual o mesmo senhor escreveu um prefácio acerca da vida e da obra do Artista, que durante alguns anos viveu no nosso País.

A exposição esteve aberta durante o mês de Junho.

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

1954

— No dia 23 de Abril a Senhora Professora Dr.^a Gertrud Richert proferiu no Museu uma conferência acerca da Pinacoteca de Munique na qual foi posta em relevo a riqueza e importância das obras de arte guardadas nessa valiosa colecção.

— No dia 14 de Maio o Senhor Professor Myron Malkiel-Jirmounsky deu no Museu uma lição acerca de «Les Théories d'Art en Chine Ancienne». Referiu-se aos tratados que desde o século IV até ao século XVIII se ocupam do assunto e insistiu em que a arte chinesa, apesar da variedade dos estilos, é conceptual e simbólica.

A lição foi ilustrada com a leitura de diferentes passos traduzidos dos trabalhos teóricos das várias épocas.

— O Senhor Dr. Pina Martins, leitor de português na Universidade de Roma, realizou no dia 13 de Outubro uma palestra sobre «Espiritualidade e Arte na Itália Medieval» que serviu de prefácio à projecção de três filmes ligados com o assunto: «Siena città del Palio»; «Sicilia arabo-normanda»; «Pietà Rondanini de Miguel Angelo».

— De colaboração com o Instituto Francês, de Lisboa, Madame Magdeleine Hours, Chefe dos Serviços do Laboratório do Museu do Louvre, proferiu nos dias 8 e 12 de Novembro duas conferências com projecções sobre os temas «Redécouverte de L. de Vinci (Les peintures de Léonard du Musée de Louvre vues au Laboratoire)» e «Redécouverte des Chefs-d'oeuvres par les Rayons X».

Foi inegável o interesse destes trabalhos que revelaram ao público português as intervenções dos agentes físicos, realizadas antes e durante a beneficiação das pinturas do grande Mestre do Renascimento, e puseram em relevo o valor da utilização desses mesmos agentes físicos nos trabalhos preparatórios do restauro de qualquer pintura.

O trabalho de Madame Hours foi particularmente interessante para o Museu de Lisboa onde, se bem que em menor escala, se trabalha utilizando os métodos e processos que são empregados no Laboratório daquela Galeria francesa.

— Por iniciativa da Comissão Nacional do Centenário de Almeida Garrett, em sessão realizada no Museu no dia 3 de Dezembro, o Senhor Professor Reynaldo dos Santos, Presidente da Academia Nacional das Belas-Artes, proferiu uma conferência sobre «O sentido da arte na obra de Garrett».

Para abrir a sessão o Director do Museu proferiu uma alocução em que pôs em relevo a contribuição de Garrett no campo das Artes Plásticas, evidenciada nesta comemoração levada a efeito pela Comissão do Centenário. A conferência e a alocução serão oportunamente publicadas.

1955

— Em 17 e 21 de Março o arqueólogo e erudito investigador de arte nos países do Médio Oriente, Senhor Architecto André Godard, proferiu duas conferências subordinadas aos títulos: «Persépolis» e «La couleur dans le décor architectural iranien». As conferências foram ilustradas com projecções coloridas.

O Senhor Architecto Godard foi, com sua Esposa Madame Godard, o fundador do Museu Nacional de Teherão que coordenou, patrocinado pelo Governo Iraniano, todo o serviço arqueológico do país.

— Dentro de um ciclo de conferências organizado para pôr em relevo a importância e merecimento da arte indo-portuguesa, efectuaram neste Museu duas conferências, respectivamente nos dias 10 e 12 de Maio, o Senhor Professor Dr. Mário Tavares Chicó e o Senhor Dr. Carlos de Azevedo.

O primeiro versou «A Escultura e a Talha nos Monumentos da Índia» e o segundo, «O Retrato e a Pintura Religiosa na Índia Portuguesa».

— No ano de 1955 e semelhantemente ao que sucedeu nos anos anteriores, o Senhor Prof. Myron Malkiel-Jirmounsky realizou um ciclo de lições subordinadas ao título genérico «L'Art et les Idées» em que foram tratados os seguintes temas: «L'histoire de l'art et la théorie de l'art»; «La critique d'art en Grèce antique»; «Les idées esthétiques dans l'art du Moyen Âge»; «Les théories d'art à la Renaissance»; «Les théories d'art à la période baroque et rococo»; «Les idées qui ont inspiré l'art du XIX siècle».

As lições foram proferidas durante os meses de Maio, Junho e Julho.

— No regresso de uma estadia no Funchal, onde foi a convite da Junta do Distrito Autónomo para organizar o novo Museu de Arte Sacra Dioces-

sano, o Dr. João Couto proferiu no Museu, no dia 28 de Junho, uma palestra acerca de «Impressões da Ilha da Madeira. Suas obras de Arte — Museus do Funchal».

— Nos dias 24 e 26 de Outubro o Senhor Max Terrier, Conservador dos Museus Nacionais (Palácio de Compiègne e Museu Franco-Americano de Blérancourt) realizou duas conferências sobre os seguintes temas: «Le château royal et impérial de Compiègne» e «L'histoire de la locomotion terrestre vue à travers les documents conservés au Musée de la Voiture, de Compiègne».

A iniciativa destas conferências deve-se ao Instituto Francês e ao Director do Museu dos Coches, Senhor Augusto Cardoso Pinto. Os assuntos tratados, particularmente na segunda conferência, despertaram o maior interesse pelo facto de existir no nosso País um museu da especialidade.

— No dia 12 de Dezembro o Senhor Prof. Dr. Reynaldo dos Santos, Comissário da Exposição de Arte Portuguesa em Londres, realizou uma conferência, ilustrada com projecções coloridas, acerca da organização e do interesse que despertou aquele certame.

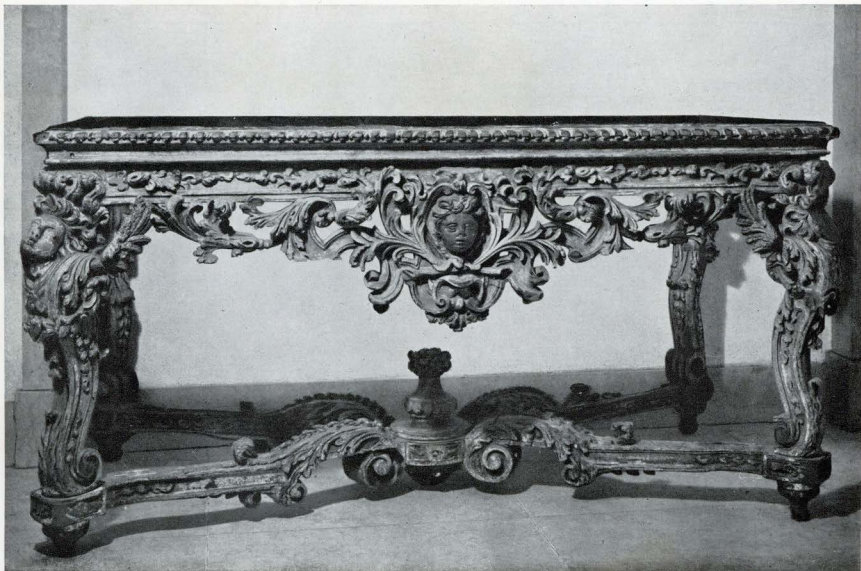
Como oportunamente se verá e isso foi posto em relevo pelo conferente, o Museu Nacional de Arte Antiga contribuiu em larga escala para a referida exposição, emprestando as suas mais importantes obras de arte. A conferência despertou o maior interesse e teve excepcional número de auditores.

— Com a presença de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional e do Presidente do Instituto de Alta Cultura, teve lugar no dia 16 de Dezembro, uma conferência do Senhor Dr. Francisco Cordeiro Blanco acerca de «Uma obra ignorada de Francisco de Holanda — «De Aetatibus Mundi Imagines»».

O Conferente relatou a descoberta que fez na Biblioteca Pública de Madrid de uma obra que atribui a Francisco de Holanda, descrevendo e analisando minuciosamente, por meio de projecções, os desenhos que ilustram esse códice quincentista.



Aspecto da Sala Machado de Castro



CRÉDÊNCIA DE TALHA DOURADA
Trabalho português do séc. XVIII. Adquirida pelo Museu em 1954

SERVIÇOS TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS

AQUISIÇÕES DE OBRAS DE ARTE

1954

PINTURA

Oficial acompanhado de uma senhora e outros personagens — Pintura sobre tela, por Domingos António de Sequeira. Comprado no bricabraque.

ESCULTURA

Um rei coroado — Escultura de barro policromado. Comprada no bricabraque.

Grupo composto por três figuras — Escultura de barro. Comprada no bricabraque.

São Miguel — Escultura de madeira. Comprada no bricabraque.

Grupo de figuras de presépio — Escultura de barro. Comprada a um particular.

Grupo de figuras de presépio — Escultura de barro. Comprada a um particular.

O Menino Jesus — Escultura de barro. Comprada a um particular.

DESENHO

Album com 31 desenhos a lápis preto, à pena e sanguínea, representando *Figuras de Santos, Academias e Estudos de pormenores*, por Francisco Vieira de Matos, o Lusitano. Comprado a um particular.

Busto de homem barbado — Desenho à pena, por Domingos António de Sequeira. Comprado a um particular.

CERÂMICA

Travessa de faiança, da Fábrica do Rato. Comprada no bricabraque.

VIDROS

Um barril de vidro azul. Comprado a um particular.

MÓVEIS

Credência de talha dourada, com tampo de pedra. Comprada a um particular.

TECIDOS

Casula, estola e manipulo, de damasco branco. Comprados a um particular.

Capuz e sebasto de um pluvial, de veludo vermelho bordado a seda e ouro tendo, em medalhão, as figuras da Virgem e dos Apóstolos. Trabalho espanhol, do século XVI. Comprado no bricabraque.

Colcha indo-portuguesa, de algodão branco, bordado a seda amarela, com figuras e as armas dos Castros, no centro. Trabalho do século XVII. Comprada a um particular.

1955

PINTURA

Retrato de personagem da Restauração — Pintura sobre tela. Comprada a um particular.

ESCULTURA

Pietà — Escultura de barro policromado. Comprada a um particular.

Santa Ana ensinando a Virgem a ler — Escultura de madeira. Comprada no bricabraque.

DESENHO

36 desenhos, a lápis vermelho, por Cyrilo Volkmar Machado, na Academia Real de Pintura, de Lisboa (1781-1785). Comprados a um particular.

Retrato do Conde de Amarante. Comprado a um particular.

Auto-retrato de Francisco Bartolozzi. Comprado a um particular.

Menino sentado, segurando nas mãos uma fita com legenda, por João Baptista Ribeiro. Comprado a um particular.

Retrato de senhora, segurando na mão direita um cravo, atribuído a Domingos António de Sequeira. Comprado a um particular.

Estudo de figuras, de Domingos António de Sequeira. Comprado a um particular.

JOALHARIA

Pendente, em forma de navio, de ouro, esmaltes vermelhos, azuis e brancos, e aljofares. Século XVI. Comprado no bricabraque.

OURIVESARIA

Medalhão relicário, de prata lavrada e dourada, estilo barroco, século XVIII. Comprado a um particular.

Porta-documentos, de prata lavrada e dourada. Trabalho português, do século XVII. Comprado a um particular.

MINIATURA

Retrato de D. Francisco Gomes. Comprada a um particular.

Retrato do rei D. Sebastião e Milagre de Ourique, miniatura dupla. Comprada no bricabraque.

MOBILIÁRIO

Tamborete indo-português, formato octogonal, com o fundo empalhado. Comprado a um particular.

Duas arcas de madeira. Trabalho português do século XVI, com decoração arquitectónica e animal. Compradas no bricabraque.

TAPETES

Tapete turco, do século XVIII. Comprado a um particular.

GRAVURA

Retrato do Conde de Amarante — Três gravuras. Compradas a um particular.

CHAPAS DE GRAVURAS

A morte de Dido — Chapa de cobre. Comprada a um particular.

DIVERSOS

Corneta de marfim, com ornatos gravados e as armas de Portugal. Comprada no bricabraque.

OFERTAS DE OBRAS
DE ARTE

1954

PINTURA

São Pedro na prisão — Pintura sobre madeira, por Hendrik van Steinweck. Oferta do Ex.^{mo} Sr. Silvério Cardoso Pinto de Queirós.

GRAVURA

Gravura representando uma coluna romana. Oferta do Ex.^{mo} Sr. Henrique Mata.

MÓVEIS

Lavabo de talha dourada, em estilo concheado. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.

TECIDOS

Renda de Alençon, dos meados do século XVIII. Oferta da Ex.^{ma} Senhora D. Maria Luísa Graça Van-Zeller.

OURIVESARIA

Medalha de prata comemorativa da Viagem Presidencial ao Ultramar. Oferta do Ministério do Ultramar.

Medalha de cobre comemorativa da Viagem Presidencial ao Ultramar. Oferta do Ministério do Ultramar.

DIVERSOS

Pia de água benta, de coral e aplicações de prata. No centro, em alto relevo, a Fuga para o Egipto. Trabalho italiano, do século XVII. Oferta do Ex.^{mo} Sr. Afonso de Araujo Sommer.

1955

ESCULTURA

A Virgem com o Menino — Escultura de pedra policromada, do século XVI. Oferta do Ex.^{mo} Sr. Comandante Ernesto de Vilhena.

Santa Teresa de Jesus — Escultura de barro. Oferta do Ex.^{mo} Sr. Jacques Kughel.

JÓIAS

Insignias da Ordem de Cristo com esmaltes e pedras finas. Oferta das Ex.^{mas} Senhoras D. Anne Hutchinson e D. Mary C. Follet.

OURIVESARIA

Medalha de cobre, comemorativa do centenário de Malhoa. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.

Medalha de cobre, comemorativa do centenário de Almeida Garrett. Oferta da Comissão Organizadora.

METAIS

Um par de estribos, de ferro, tauziados de metal amarelo e prata, japoneses, com figuras representando europeus, porventura portugueses. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.



ARCAS

Trabalho português do século XVI. Adquiridas pelo Museu em 1955



São Miguel
Escultura de madeira do século XV
Adquirida pelo Museu em 1954



Domingos António de Sequeira
Retrato da mulher e do cunhado do artista
Adquirido pelo Museu em 1954



Pendente
Trabalho do século XVI
Adquirido pelo Museu em 1955



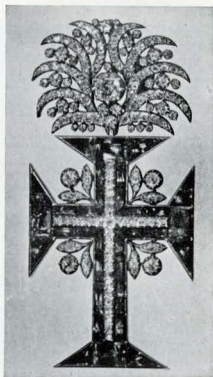
Pia de água benta

Trabalho italiano do século XVII
Oferta do Ex.^{mo} Sr. Afonso de Araújo
Sommer



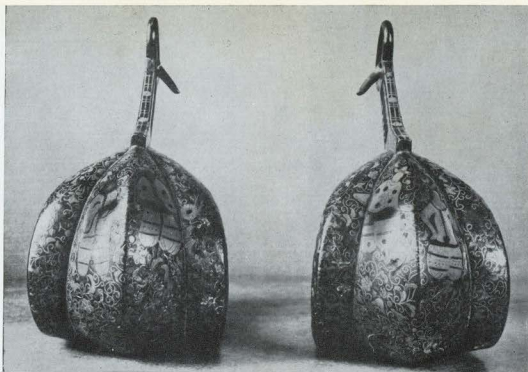
A Virgem com o Menino

Trabalho português do século XVI
Oferta do Ex.^{mo} Sr. Comandante Ernesto
de Vilhena



Insignia da Ordem de Cristo

Trabalho português do século XVIII
Oferta das Ex.^{mas} Senhoras D. Anne
Hutchinson e D. Mary C. Follet



Par de estribos

Trabalho japonês do século XVI, Oferta do Grupo dos Amigos do Museu



Renda de Alençon (pormenor)

Trabalho francês dos meados do século XVIII
Oferta da Ex.^{ma} Sr. D. Maria Luisa Graça Van-Zeller

TECIDOS

Colcha, de Castelo Branco. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.

Colcha, oriental, de cetim branco bordado a sedas de cor. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.

Um lote de dez amostras de tecidos franceses do século XVIII. Oferta do Grupo dos Amigos do Museu.

CEDÊNCIA DE OBRAS
DE ARTE

1954

As entidades e estabelecimentos abaixo indicados foram cedidos, com autorização superior e a título precário, os seguintes objectos:

Instituto de Alta Cultura:

1 pintura sobre cobre, representando *Cristo em casa de Anás*, por Adrien de Vos.

1 pintura sobre madeira, representando *Salteadores atacando viajantes*, por Ferdinand Bol.

1 pintura sobre madeira, representando *Mulher deitando cartas*, por Mallet.

1 pintura sobre tela, representando o *Retrato de Domingos António de Sequeira*, por Gregório Rati.

1 pintura sobre tela, representando o *Retrato de D. Nuno Álvares Pereira*.

1 gravura, representando a *Santa Forma* ou *A Eucaristia*, por Francisco Bartolozzi.

1 gravura, representando *A descida da Cruz*, por Domingos António de Sequeira.

1 gravura, representando *A sopa de Arroios*, por Domingos António de Sequeira.

1 gravura, representando *Entrada Triunfal de Alexandre em Babilónia*, por Charles le Brun.

1 gravura, representando *Entrada Triunfal de Alexandre em Babilónia*, por Charles le Brun.

4 gravuras representando *Paisagens*, por Perelle.

Museu Nacional de Soares dos Reis:

1 tapeçaria da armação da História de Marco Aurélio representando *Combate de Marco Aurélio*.

Igreja de Santo Antão do Tojal:

1 escultura de mármore, representando *São Bruno*.

1 escultura de mármore, representando *Rainha Santa Isabel*.

1 escultura de mármore, representando *A Virgem*.

1 brasão de armas do Cardeal D. Francisco de Saldanha, em ferro forjado.

Igreja da Madre de Deus:

1 presépio, com figuras de barro, da oficina de Machado de Castro.

1 pintura sobre tela, representando *Refeição do Senhor, sendo as iguarias trazidas por Anjos*.

1 pintura sobre tela, representando *A Natividade da Virgem*.

1 pintura sobre tela, representando *A Visitação*.

1 pintura sobre tela, representando *Martírio de Santa Auta* ou *Martírio das Onze Mil Virgens*.

1955

Museu Regional Alberto Sampaio:

1 pintura sobre madeira, representando *São Vicente, São Martinho e São Sebastião*.

Igreja da Memória, Lisboa:

1 sacrário, de madeira, do século XVIII.

Ministério da Educação Nacional:

1 relógio de caixa alta.

2 vasos de jardim, de faiança.

2 potes de porcelana da China, azuis e branco.

1 pintura sobre tela, representando *Lenda de Santo Agostinho*.

2 pinturas sobre tela, representando *Flores*.

2 pinturas sobre tela, representando *Paisagens com figuras*.

1 pintura sobre tela, representando *Asunto Bíblico*.

1 pintura sobre tela, representando *Duas Princesas*.

3 pinturas sobre tela, representando *Paisagens*.

1 pintura sobre tela, representando *Retrato de Madame Lavalier*.

Ministério dos Negócios Estrangeiros:

1 pintura sobre tela, representando *Vénus sobre as águas*, atribuído a Coypel.

Embaixada de Portugal em Londres:

1 bufete de madeira.

Embaixada de Portugal em Paris:

48 peças de porcelana da China.

Supremo Tribunal de Justiça:

1 pintura sobre tela, representando *Egas Moniz vindo entregar-se a Afonso VII*.

1 pintura sobre madeira, representando *Julgamento de um Santo*.

1 pintura sobre madeira, representando *Episódio da vida de São Sebastião*.

2 gravuras representando *A Santa Forma* ou *A Eucaristia*.

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA

1954

Durante o ano de 1954 deram entrada na Biblioteca do Museu 341 espécies bibliográficas, das quais 91 adquiridas pelo Estado e 250 oferecidas pelos senhores e entidades: Biblioteca Pública Municipal, do Porto; Museu de Angola; Gastão de Sousa Dias; J. M. dos Santos Simões; Grupo dos Amigos de Olivença; Mosteiro de Singeverga; Zemański Muzeja, de Serajevo; Biblioteca Nacional de Lisboa; Unesco; Dr. João Couto; Academia Nacional das Belas-Artes; Dr. Alberto Iria; National-Museum de Stockholm; Instituto de Alta Cultura; Academia Portuguesa da História; Kunsthau Zurich; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Biblioteca Governativa de Cremona; Dr. Fernando Russell Cortez; D. Maria Madalena de Cagigal e Silva; Junta de Província Douro-Litoral; Direcção-Geral da Fazenda Pública; Centro de Estudos Humanísticos do Porto; Centro de Estudos Geográficos; Escultor Numidico Bessone; Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira; Museus de Poitiers; The Hispanic Society of America; Yale University Art Gallery; Prof. Ernesto Soares; National Gallery of Art, de Washington; Sr. Raul Luis Dias; Dr. George Leisner e D. Vera Leisner; D. Maria da Conceição van-Zeller Palha Gil Borja e Menezes; Prof. M. Calvet de Magalhães; Museu Machado de Castro, de Coimbra; Rijksmuseum, de Amsterdam; Prof. Myron Malkiel Jirmounsky; Sr. Baptista Rosa; Instituto Francês de Portugal; Soprintendenza alle Gallerie della Campania, Napoli; Worcester Art Museum; Dr. Manuel Santos Esteves; Condessa de Almedina; Realizações «Artis»; Casa Victor Hugo, de Paris; National Museum of Modern Art, de Tokyo; Metropol-

tan Museum of Art, de New York; Gallery C. V. Kunsthandel P. de Boer, de Amsterdam; Instituto Italiano de Cultura em Portugal; Casa Alec Tiranti, Ld. de London; Agencia Periodistica Gaza, de Seguroa; Sociedade Real de Belas Artes, de Liège; Musée de Bonnard, de Lyon; Kunstgillager Schloss, de Celle; Dr. Carlos de Azevedo; Museu Nacional, do Rio de Janeiro; Musée van Maerlant, de Daunne; Estúdio «Cor»; Dr. António José Ferreira de Almeida; Kunsthistorisches Museum; Casa Bernard Houthakker, de Amsterdam; Fundação da Casa de Bragança; Agência-Geral do Ultramar; Academia das Ciências de Lisboa; Sr. Alberto Augusto de Abreu Nunes; Escultor Diogo de Macedo; Victoria and Albert Museum, de London; Museu Provincial de José Malhoa; Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa; Landesgaleria, de Hannover; Ashmolean Museum, de Oxford; Embaixada dos Estados Unidos da América, em Lisboa; Legação Real da Dinamarca; Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar; Sr. Alexandre Pinto Basto; Família de Rafael Barreiros Calado; Sr. Fernando Rau; Grupo dos Amigos do Museu; Kunstindustrimuset, de Oslo; The Art Institute of Chicago; Câmara Municipal de Lisboa; Câmara Municipal de Évora; Casa Liquidadora, Leiria & Nascimento; Escola Superior de Belas-Artes do Porto; Diputación Provincial de Barcelona.

1955

Durante o ano de 1955 deram entrada na Biblioteca do Museu 325 espécies bibliográficas, das quais 92 adquiridas pelo Estado e 233 oferecidas pelos senhores e entidades: Câmara Municipal de Lisboa; Instituto Nacional de Educação Física; Sr. Arnaldo Henriques de Oliveira; Art Institute of Chicago; Nationalmuseum Stockholm; Grupo dos Amigos do Museu; Fr. D. Lucas Teixeira; Instituto Francês em Portugal; Legação da Bélgica; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Prof. J. Duverger; Dr. Fernando Russell Cortez; Kunstsammlunger der Stadt Düsseldorf; Fundação da Casa de Bragança; National Museum of Modern Art, de Tokyo; François-Georges Pariset; Museu de Angola; P. J. da Costa Lima; Câmara Municipal do Porto; Dr. Adriano de Gusmão; Museu Textil Biosca; Musei Comunali di Roma; William H. Gerds; Instituto de Arte Americano, de Buenos Aires; Kunstgillager Schloss, de Celle; Dr. Walter W. S. Cook; Dr. João Couto; Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal; Dr. António Manuel

Gonçalves; Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira; Musée de l'Etat Amsterdam; Biblioteca Nacional de Lisboa; Kunsthau Zurich; Universidad de Santo Domingo; National Gallery, de London; Sr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas; Dr. Luis Chaves; Instituto de Alta Cultura; Museu de São Paulo; Faculdade de Filosofia do Instituto «Sedes sapientiae», de São Paulo; Pintor Ayres de Carvalho; D. Maria Teresa de Andrade e Sousa; Galerie Czwiklitzer de Köln; Legação da República Federal da Alemanha em Lisboa; Embaixada dos Estados Unidos da América; Musées de Poitiers; Ministério da Educação Nacional de Columbia; Museu de Belas Artes de Alexandria; Adido Cultural Alemão; Rijksmuseum Amsterdam; Pintor Abel de Moura; Central Museu de Utrecht; Sr. Mário de Sampaio Ribeiro; Museu Nacional, do Rio de Janeiro; Kunsthistorischen Institutes in Florenz; Kunst Viter hets Histoire och Antikuitetsakademien Stockholm; Kunstindustrimuseet I Oslo; Câmara Municipal de Almada; Câmara Municipal de Sintra; Secretariado da Propaganda Nacional; Institut Français d'Afrique Noire; Escultor Diogo de Macedo; Victoria and Albert Museum, London; Departamento Administrativo do Serviço Público, do Rio de Janeiro; Dr. António José Ferreira de Almeida; Escola Superior de Belas-Artes, do Porto; Prof. M. M. Calvet de Magalhães; Michel N. Bemsovich; Diputación Provincial de Barcelona; Prof. Armando de Lucena; Sr. Alberto Augusto Abreu Nunes; Nasjonalgalleriet, de Oslo; Sr. Fernando Pampulim; Centro Internazionale delle Arti e del Costume, de Venezia; Legação da Venezuela em Portugal; Centro de Estudos de Arte e Museologia.

OFICINA DE RESTAURO

Durante os anos de 1954 e 1955 foram beneficiados na Oficina do Museu as seguintes pinturas:

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

- *Apresentação da Virgem no Templo* (Escola flamenga).
- *Triunfo da Religião*.
- *Anunciação* (da Igreja da Madre de Deus).
- *Adoração dos Pastores* idem.

Procedeu-se a uma simples limpeza nas pinturas seguintes:

- *Anjos com os símbolos da Paixão*.
- *Anjos com os símbolos da Paixão*.
- *Morte de São Francisco*.
- *Cerimónia do Lava-Pés das freiras clarissas*.
- *Nascimento da Virgem*.
- *Última Ceia do Senhor*.
- *Martirio das Onze Mil Virgens*.
- *Visitação*.
- *Assunto Bíblico*.
- *Triunfo de Luís XIV*.
- *O banho de Vénus*.
- *Paisagem com figuras*.
- *Floreira*.
- *Floreira*.
- *Paisagem com figuras*.

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

- *Auto-retrato de J. Cristino da Silva*.
- *Paisagem*, por A. Andrade.

BIBLIOTECA NACIONAL

- 3 retratos de personagens dos séculos XVII e XVIII.
- *Mapa de Goa*.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Palácio de Belém)

- *Natureza morta* (Depósito do Museu).

MUSEU DE ÉVORA

- *São Jerónimo, Santo António e São Braz* (predela).
- *Auto-retrato*.

MUSEU MACHADO DE CASTRO

- *Retrato de D. João III*.
- *Descida do Espírito Santo*, por Josefa de Óbidos.
- *Virgem com o Menino, Anjos e Santos*, por Josefa de Óbidos.

PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA

- *Retrato da Infanta D. Isabel*.

ILHA DA MADEIRA

- *Conclusão dos restauros de 6 trípticos, 4 volantes e 9 quadros*.

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

— *Retratos de D. João de Castro e D. Afonso de Albuquerque.*

Foram revistas as seguintes pinturas destinadas a figurar na Exposição de Londres, e pertencentes:

AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

— *Retrato do Príncipe D. João.*
— *Investidura de um Cavaleiro de São Tiago.*
— *Um Santo Franciscano.*
— *O Juízo Final.*

AO MUSEU DE ÉVORA

— *Retrato da Princesa D. Catarina.*

AO MUSEU DE GRÃO VASCO

— *O Calvário e respectivas predelas.*
— *São Pedro e respectivas predelas.*
— *Natividade.*
— *Adoração dos Magos.*
— *O Senhor no Horto.*
— *Descida da Cruz.*

AO CONVENTO DE CRISTO (Tomar)

— *Ressurreição de Cristo.*

A IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA (Tomar)

— *Recolha do Maná.*
— *Dezolação de São João Baptista.*
— *Salomé.*

AO MUSEU REGIONAL DE LAMEGO

— *Criação dos animais.*

A MISERICÓRDIA DE ABRANTES

— *Anunciação.*
— *Natividade.*
— *Cristo a caminho do Calvário.*
— *O Calvário.*

AO MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

— *Retrato da Princesa Santa Joana.*

A IGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

— *Ecce Homo.*
— *Pentecostes.*

A CASA PALMELA

— *Alegoria ao regresso de D. João VI.*

AO EX.^{mo} SENHOR PEDRO DE FREITAS BRANCO

— *Retrato de Senhora.*
— *Retrato de Homem.*

AO EX.^{mo} SR. VASCO BENSUAIDE

— *Santa Catarina e Santa Bárbara.*

AO MUSEU REGIONAL DE BEJA

— *São Vicente.*

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Durante os anos de 1954 e 1955, no Laboratório do Museu foram feitas 53 radiografias e 670 diapositivos.

O Laboratório foi enriquecido com os seguintes aparelhos e acessórios:

— Uma máquina fotográfica «Linhof-Teknica» com telémetro acopiado, 13 × 18, com objectiva «Apo-Lanthar» (normal) e objectiva «Angulon».

— Uma máquina fotográfica «Praktica», 24 × 36 mm.

— Uma máquina fotográfica «Korelle-Reflex», 6 × 6 cm.

— Um ampliador fotográfico «Durst-Laborator» 13 × 18.

— Uma máquina de filmar «Pathé-Super» de 16 mm., com «tourele» para três objectivas.

— Um condensador de luz.

— Um «flash» electrónico, com 23 cm. «Multiblitz».

— Um tripé «Pullin» de 3 secções e cabeça panorâmica.

— Um tripé portátil «Sus».

— Cinco suportes-tripé para lâmpadas ultravioleta.

— Um jogo de filtros «Telcolor», para fotografia a cores em papel.

— Um marginador de ampliação 30 × 40.

— Um projector «Aldis» super-six, para diapositivos 6 × 6 e 24 × 36.

FILMOLOGIA

Empenhado num serviço de extensão escolar, do qual em várias épocas se fizeram tentativas mais ou menos importantes, o Museu entendeu, em dado momento, que a sua acção seria precária se não dispusesse de uma máquina de projecção com dispositivo sonoro. Várias vezes se fizeram tentativas para comprar os aparelhos, mas em 1955 houve possibilidade de, pelas suas próprias verbas orçamentais, os adquirir. De então para cá o serviço extensivo às escolas e aos Amigos do Museu intensificou-se e promete agora dar lisonjeiros resultados. Os aparelhos adquiridos são:

— Uma máquina de projecção cinematográfica «Bell & Howell», 16 mm., som óptico-magnético.

— Uma tela cinematográfica perlada.

INVENTÁRIO FOTOGRAFICO

Os trabalhos do Inventário Fotográfico continuaram nos anos de 1954 e 1955, nas secções de Pintura, Miniatura, Tecidos, Luminária, etc.

REUNIÕES E MOVIMENTO DO PESSOAL

Durante o ano de 1954 e parte do ano de 1955 continuaram as reuniões do Director e Conservadores para estudo de questões ligadas com a vida do Museu.

Passou à situação de licença ilimitada, a partir de 17 de Maio de 1954, a seu pedido, *José Maria Teixeira*, que exerceu as funções de Chefe da Secretaria, ininterruptamente, durante quatro anos. Foi mandado contratar para o cargo, por despacho ministerial de 3 de Junho de 1954, o licenciado *António Manuel Gonçalves*; contratado em 21 do mesmo mês, tomou posse em 10 de Julho do mesmo ano.

Francisco António Pestana, guarda de 1.ª classe, encarregado de dirigir o pessoal menor, por portaria ministerial de 27 de Ja-

neiro de 1954, tomou posse em 12 de Março do mesmo ano.

Marcolino Gonçalves Coimbra, guarda de 1.ª classe, contratado em 12 de Fevereiro de 1954, tomou posse em 5 de Março do mesmo ano.

Francisco Marques, guarda de 1.ª classe, contratado em 14 de Outubro de 1954, tomou posse em 2 de Novembro do mesmo ano.

Júlio Patricio de Almeida, guarda de 1.ª classe, contratado em 14 de Outubro de 1954, tomou posse em 2 de Novembro do mesmo ano.

António Carlos Pinto Machado, guarda de 1.ª classe, contratado em 19 de Março de 1955, tomou posse em 6 de Abril do mesmo ano.

Luis Pereira, guarda de 2.ª classe, reintegrado por despacho ministerial de 9 de Outubro de 1954, e provido por portaria ministerial de 28 do mesmo mês (D. do Governo, II série, n.º 283, de 3 de Dezembro de 1954), tomou posse em 30 de Dezembro do mesmo ano.

Agostinho Pereira Pedro, guarda de 2.ª classe, contratado em 13 de Fevereiro de 1954, tomou posse em 6 de Março do mesmo ano. Anteriormente jardineiro, tomara posse em 24 de Julho de 1952.

José Mendes da Cruz, guarda de 2.ª classe, contratado em 19 de Março de 1955, tomou posse em 6 de Abril do mesmo ano. Anteriormente jardineiro, tomou posse em 6 de Maio de 1954.

António Gomes Teixeira, guarda de 2.ª classe, contratado em 24 de Novembro de 1954, tomou posse em 11 de Dezembro do mesmo ano.

José Maria Jorge, jardineiro, contratado em 2 de Abril de 1955, tomou posse em 4 de Maio do mesmo ano.

Cipriano Garcia Várzea, guarda de 1.ª classe, na situação de aposentado a partir de 1 de Março de 1955, tendo sido funcionário do Museu durante 28 anos.

João da Costa, guarda de 1.ª classe, falecido em 30 de Agosto de 1954.

Albano da Silva Pestana, guarda de 1.ª classe, falecido em 13 de Setembro de 1954.

VISITANTES

1954

Durante o ano registaram-se 40.023 entradas no Museu, conforme consta dos mapas seguintes:

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Colectivas	Total
Janeiro	480	2.895	210	3.585
Fevereiro	410	1.610	97	2.117
Março	652	2.830	166	3.648
Abril	1.058	2.619	255	3.932
Maió	868	2.267	450	3.585
Junho	888	3.852	155	4.895
Julho	844	1.448	96	2.388
Agosto	1.500	1.870	132	3.502
Setembro	1.200	2.302	—	3.502
Outubro	800	2.384	18	3.202
Novembro	640	2.179	83	2.902
Dezembro	434	2.236	95	2.765
	9.774 (1)	28.492	1.757	40.023

(1) Entradas pagas no ano de 1954 — 9.774 a 2550 — 24.435\$00.

Visitas colectivas (desdobramento do mapa anterior)

Mês	Designação	Quantidades
Janeiro	Curso de Educação de Adultos	50
	Escola Industrial de Machado de Castro	35
	Instituto Feminino de Odivelas	64
	Ateneu Comercial de Lisboa	19
	Colégio Instituto Moderno	10
Fevereiro	Escola de Veiga Beirão	32
	Filiados da Mocidade Portuguesa do Liceu de Passos Manuel (Lisboa)	77
Março	Curso de Educação de Adultos da Sociedade Central de Cervejas	20
	Liceu Carolina Michaëlis (Porto)	32
	Oficiais do Porta-Aviões inglês «Italcable»	50
	Colégio do S. Coração de Maria	34
	Escola Externato Antero de Quental (Lisboa) ...	30
Abril	Curso de Educação de Adultos	20
	Escola Antero de Quental (Lisboa)	16
	Liceu de Passos Manuel (Lisboa)	25
	Escola Comercial Filipa de Vilhena (Porto)	27
	Liceu Francês Charles Lapierre	18
	Escola Industrial Aurélia de Sousa (Porto)	40
	Intelectuais franceses	17
	Escola Industrial e Comercial de Faro	50
Turistas franceses	32	
Maio	Sindicato Nacional dos Profissionais do Serviço Social (Lisboa)	30
	Escola António Arroio (Lisboa)	30
	Liceu D. Leonor	28
	A transportar	786

Mês	Designação	Quantidades
	<i>Transporte</i>	786
Maio	Liceu de Oeiras	76
	Curso de Educação de Adultos	18
	Escola Industrial D. Luísa de Gusmão	127
	Escola Josefa de Obidos	5
	Escola Artes Decorativas Soares dos Reis	22
	Externato do Parque	18
	Escola Comercial D. Maria I (Lisboa)	60
	Seminário de Almada	66
Junho	Escola Comercial D. Maria I	16
	Curso Comercial de Educação de Adultos	46
	Externato de S. José	16
	Externato do Sagrado Coração de Jesus	31
	Externato Barreirense	6
	Grupo Coral Aleluia das Fábricas Aleluia (Aveiro)	40
Julho	Colégio Nossa Senhora da Saúde (Lisboa)	35
	Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa	41
	Profs. Universitários Franceses	20
Agosto	Curso de dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina	112
	Universitários Brasileiros	20
Outubro	Escola António Arroio (Lisboa)	12
	Escola de Belas-Artes de Lisboa	6
Novembro	Curso de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa	65
	Instituto Feminino de Odívelas	18
Dezembro	Curso de Educação de Adultos da Vacuum	30
	Colégio de S. José do Ramalhão (Sintra)	12
	Curso de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa	25
	Instituto Serviço Social de Lisboa	20
	Seminário Dominicano	8
	<i>Total</i>	1.757

1955

Durante o ano registaram-se 35.897 entradas no Museu, conforme consta dos mapas seguintes:

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Colectivas	Total
Janeiro	456	2.736	54	3.246
Fevereiro	552	2.130	46	2.728
Março	680	2.207	135	3.022
Abril	1.080	2.028	373	3.481
Maio	1.058	2.747	278	4.083
Junho	800	1.082	98	1.980
Julho	960	2.040	165	3.165
Agosto	1.740	1.768	83	3.591
Setembro	1.300	1.948	—	3.248
Outubro	780	2.585	—	3.365
Novembro	548	1.642	63	2.253
Dezembro	572	1.108	55	1.735
	10.526 (1)	24.021	1.350	35.897

(1) Entradas pagas no ano de 1955 — 10.526 a 2350 — 26.315\$00.

Visitas colectivas (desdobramento do mapa anterior)

Mês	Designação	Quantidades
Janeiro	Liceu Camões	46
	Conservatório Nacional	8
Fevereiro	Instituto de Educação Infantil	19
	Instituto de Odivelas	27
Março	Liceu Rainha D. Leonor (Lisboa)	20
	Curso de Educação de Adultos, Centro Social do Beato (Lisboa)	12
	Faculdade de Letras de Lisboa (Curso de História de Arte)	25
	Curso de Educação de Adultos (Profissionais da Indústria Hoteleira)	31
	Escola Nuno Gonçalves (Lisboa)	24
	Liceu de Gil Vicente (Lisboa)	23
Abril	Alunas do 7.º ano do Liceu de Carolina Michaëlis (Porto)	27
	Liceu de Bordeus (França)	54
	Estudantes Espanhóis do Liceu Francês de Barcelona	33
	Professores e estudantes de Geografia da Universidade de Bordeus (França)	100
	Liceu de Passos Manuel (Lisboa)	34
	Escola Industrial D. Luísa de Gusmão	70
	Colégio de Santa Maria (Torres Novas)	55
Maio	Curso de Educação de Adultos da Escola N.º 14 (Lisboa)	15
	Escola de Artes Decorativas (Porto)	7
	Curso de Educação de Adultos da Escola N.º 69 (Lisboa)	45
	Externato Comercial de «A Voz do Operário de Lisboa»	55
	Liceu D. João de Castro (Lisboa)	11
	Colégio Barreirense	25
Junho	Conservatório Nacional (Lisboa)	36
	Colégio Militar, 3.º ano	62
	Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação	22
	Colégio Militar	30
	Colégio do Amor de Deus	20
	Externato de «O Lar da Criança»	27
	Excursão do Olival Vila Nova de Ourém	21
Julho	Externato de «O Lar da Criança»	18
	Curso de Educação de Adultos da C. P. com funcionamento no Porto	80
	Jardim Escola João de Deus (Lisboa)	17
Agosto	Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa	50
	Estudantes e Professores da Universidade do Cairo (Egipto)	33
	Mocidade Portuguesa Feminina Curso em S. João do Estoril	50
Novembro	Faculdade de Letras de Lisboa	30
	Escola Infantil O Beiral	13
	O Lar da Criança	20
Dezembro	Faculdade de Letras de Lisboa	25
	Estudantes Marroquinos	30
	<i>Total</i>	1.350

VÁRIA

UMA OFERTA AO MUSEU DE ARTE ANTIGA

No dia 25 de Maio de 1955 Mrs. Anne Alexander Hutchinson e Mrs. Mary Constance Follet, filhas e herdeiras de Sir Robert William, ofereceram ao Museu Nacional de Arte Antiga as insígnias da Ordem de Cristo com que aquele senhor foi galardoado pelo Governo Português, devido aos serviços prestados quando da construção do caminho de ferro de Benguela.

No acto da entrega foram proferidas palavras do Director do Museu, em que se pôs em relevo a importância da oferta e o seu significado. A cerimónia assistiram várias pessoas das relações de Mrs. Hutchinson e Mrs. Follet, entre as quais o Sr. Dr. Alexandre Pinto Basto que se ocupou previamente do assunto junto do Director do Museu.

As insígnias que ficaram desde logo expostas ao público na colecção de joias, são peças valiosas do século XVIII, enriquecidas com esmaltes e pedras finas.

ESTÁGIO DE PREPARAÇÃO PARA INGRESSO NOS LUGARES DE CONSERVADORES DOS MUSEUS, DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

Foram aprovados para frequentar o estágio, restabelecido pelo decreto 39.116, de 27 de Fevereiro de 1953:

Em 1954, as licenciadas Belarmina Augusta Ferreira Ribeiro e Dalma Umbelina Pereira e o escultor Manuel da Silva Marques Bom.

Em 1955, os licenciados António Manuel Gençalves e Maria Helena Maia e Melo.

De 29 de Julho a 4 de Agosto de 1955 efectuaram os exames finais e foram aprovados os seguintes licenciados que apresentaram as teses e os temas de exposição adiante indicados:

Carlos Mascarenhas Martins de Azevedo, tese «Introdução à Pintura Portuguesa»; exposição «limitações, cópias e falsos no Museu Nacional de Arte Antiga»;

Fernando Augusto de Barros Russell Cortez, tese «Documentos para a história da pintura quinhentista do Norte de Portugal», exposição «O Cristo na escultura de Nottingham do século XV»;

Irisalva Constância de Nóbrega Nunes Moita, tese «Ante-projecto para a Secção de Arqueologia do futuro Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos»; exposição «Vidros portugueses dos séculos XVII e XVIII»;

Maria Emília dos Santos e Silva Amaral Teixeira, tese «Quatro Livros do Coro do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso, de Évora»; exposição «Iluminuras do século XVI»;

Maria de Lourdes Coelho Bartholo, tese «Uma panorâmica inédita de Lisboa dos princípios do século XVI»; exposição «O retrato-miniatura dos séculos XVII, XVIII e XIX»;

Maria Madalena Cagigal e Silva, tese «Subsídios para o estudo dos Museus anexos aos Mosteiros da Batalha e de Alcobaça»; exposição «Faiança Portuguesa de influência oriental — Séculos XVII e XVIII»;

Maria Rachel Mota Marques Vicente da Silva, tese «Elementos para o estudo dos cours lavrados dos séculos XVII e XVIII»; exposição «Cristos de marfim do século XVIII»;

Maria Teresa Monteiro de Andrade e Sousa Gomes Ferreira, tese, «O Palácio do Marquês de Abrantes»; exposição «Bricos portugueses — Séculos XVI, XVII e XVIII».

REUNIÕES INTERNACIONAIS DE MUSEOLOGIA

A 6.ª sessão da Comissão do ICOM para o tratamento das pinturas teve lugar nos Estados Unidos, em Janeiro de 1954. Representou Portugal o Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, Abel de Moura. O relatório da reunião encontra-se publicado em *Icom News*, vol. 7, n.º 5, 1954.

A 7.ª sessão da mesma Comissão realizou-se em Viena de Áustria, em Julho de 1955, e Portugal foi representado pelo mesmo Conservador. O relatório da reunião está publicado em *Icom News*, n.º 4-5, vol. 8, 1955.

CENTRO DE ESTUDOS DE ARTE E MUSEOLOGIA DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

No ano de 1954 continuou a actividade deste Centro, tendo sido bolseiros a licenciada Maria Teresa Andrade e Sousa, o licenciado Carlos Mascarenhas de Azevedo, a pintora Madalena Cabral, o licenciado Bairrão Oleiro e o professor António Domingos da Luz Correia.

Todos se ocuparam dos assuntos das suas especialidades, tendo alguns dos trabalhos sido publicados.

O Centro continuou a interessar-se pelos cursos e lições que se professam no Museu.

No ano de 1955 mantiveram-se os mesmos bolseiros do ano anterior e mais o licenciado Fernando Russell Cortez que transitou do Centro de Arqueologia, e a licenciada Maria Madalena Caçigal e Silva.

Em 1955, o Centro, além de patrocinar algumas das conferências que se realizaram no Museu, auxiliou o novo serviço de sessões cinematográficas para os Amigos do Museu.

Publicou-se o «VI Caderno do Centro de Estudos de Arte e Museologia», contendo conferências dos Professores Myron Malkiel Jirmounsky e Robert J. Clements. Entrou em publicação mais um caderno organizado pela bolsreira Maria Teresa de Andrade e Sousa, contendo o inventário dos bens do Conde Vila Nova, D. Luís de Lencastre, datado de 1704.

REMODELACÃO DE SALAS NAS GALERIAS DO MUSEU. INSTALACÃO DE NOVAS COLECCOES *

Devido à esclarecida colaboração da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, concluiu-se em 1955 a importante modificação do telhado no torreão norte do edifício nobre do Museu. Dessa obra resultou a melhoria da iluminação do compartimento, obtendo-se novas e excelentes condições para se examinar a pintura portuguesa do século XV, do Museu, incluindo os Painéis de São Vicente.

Durante o ano de 1954, e como noutro lugar de Boletim se refere, abriram-se duas salas com obras de Machado de Castro e sua oficina.

No mesmo ano, e para aproveitar pequenos compartimentos de que o Museu ainda dispunha, organizou-se uma pequena sala

com obras de barristas portugueses dos séculos XVII, XVIII e princípios do século XIX e, na mesma ideia de apresentar o maior número possível de obras desses artistas, expôs-se, na época do Natal, no átrio do Palácio das Janelas Verdes, em instalação provisória, um conjunto de figuras, grupos e elementos arquitectónicos pertencentes ao Presépio do Mosteiro da Madre de Deus.

VISITAS EXPLICADAS

A semelhança dos anos anteriores tiveram lugar no Museu as seguintes visitas explicadas: em 1954, pelo Director, aos alunos da Escola de Belas-Artes e do Instituto Superior Técnico; pela Conservadora Maria José de Mendonça, aos alunos do Seminário de Almada e do Seminário dos Olivais e a um grupo de Assistentes Sociais; pelo Conservador Abel de Moura, aos alunos do Seminário dos Olivais e da Faculdade de Letras e, em 1955, aos alunos da Escola António Arroio e do Conservatório Nacional de Música.

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCACÃO DOS ADULTOS

Com a presença de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Dr. Veiga de Macedo, teve lugar em Janeiro de 1954 no Museu Nacional de Arte Antiga, a primeira visita da Campanha, aos museus do País, a qual foi dirigida pelo Director do Museu, Dr. João Couto. Este trabalho foi continuado nos meses seguintes, sendo as visitas dirigidas por funcionários da Campanha e por pessoas escolhidas pela Direcção do Museu.

No ano de 1955 realizou-se no Museu um ciclo de lições do Curso de Orientadores de Visitas a Museus e Monumentos, organizado pela mesma Campanha, cuja cerimónia inaugural foi presidida por Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, tendo as lições ficado a cargo dos senhores Prof. Luís Reis Santos, Prof. Salvador Barata Feyo, Prof. Dr. Ferreira de Almeida, Dr. Luís Chaves, Prof. Dr. Macedo Mendes, Dr. António Quadros, Dr. Flórido de Vasconcelos e dos Conservadores do Museu, Maria José de Mendonça e Abel de Moura. O curso foi encerrado pelo Director do Museu.

Em Dezembro a Campanha levou a efeito um segundo ciclo de conferências do mesmo curso de Orientadores de Visitas a Museus e Monumentos que foi inaugurado por Sua Excelência o Subsecretário de Estado da

Educação Nacional, Dr. Rebelo de Sousa. O Director do Museu proferiu a primeira lição no edificio do Restauro. As restantes lições proferidas no Museu estiveram a cargo do Director, da Conservadora Maria José de Mendonça e do Arquitecto António de Freitas Leal.

SINDICATO NACIONAL DE GUIAS E INTERPRETES

Há muito que os membros deste operoso Sindicato se esforçam por chamar a atenção dos visitantes estrangeiros para as colecções do Museu Nacional de Arte Antiga. Para valorização e estímulo deste trabalho foi resolvido com o Sindicato que o pessoal superior do Museu realizasse algumas lições acerca das espécies que se exibem neste estabelecimento. Essa actividade foi iniciada nas noites de 4 e 13 de Julho de 1955, pelo Director do Museu.

REUNIÕES MUSICAIS

No dia 14 de Janeiro de 1954 teve lugar no Museu um concerto organizado por «Polyphonia», comemorativo do IV centenário da morte de Cristobal Morales.

Com «Poliphonia», dirigida pelo Senhor Mário de Sampayo Ribeiro, colaboraram as Senhoras D. Olga Violante (soprano), D. Maria Adelaide Robert (meio soprano), e os Senhores D. Emilio Pujol (viuhela), Santiago Kastner (clavicórdio) e o coro «Stella Vita», da direcção do Senhor Jorge Manzoni.

O Senhor Mário de Sampayo Ribeiro proferiu algumas palavras explicativas da comemoração.

SESSÕES CINEMATOGRAFICAS SOBRE ARTE

Como noutra lugar se menciona foi para ilustrar a palestra do leitor português na Universidade de Roma, Senhor Dr. Pina Martins, que teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga, em Outubro de 1954, a primeira sessão de projecção de filmes.

Em Novembro do mesmo ano, comentada pelos Senhores Professores F. Capecchi e Roberto Barchiese, realizou-se nova sessão em que se projectaram filmes sobre arte italiana, cedidos pelo Instituto de Cultura Italiana, em Lisboa.

Após estas tentativas e depois do Museu se ter apetrechado, como atrás se disse, com uma máquina de projecção de filmes da marca «Bell & Howell», de 16 mm., vêm

sendo regularmente realizadas sessões de filmes sobre arte, organizadas pelo senhor J. F. Aranda, para as quais têm dado o maior auxilio os Instituto estrangeiros que funcionam junto das embaixadas e legações dos vários países.

Os programas realizados durante o ano de 1955 foram os seguintes:

«Génese e Formas do Filme sobre Arte», três sessões realizadas durante o mês de Abril com comentários do Senhor J. F. Aranda sobre os seguintes temas: «Documentário do Filme sobre Arte»; «Variantes do Filme sobre Arte»; «A Dramatização do Filme sobre Arte».

«O Universo Gótico», em 24 e 26 de Maio, comentário pela Conservadora Maria José de Mendonça.

«Arquitectura», em 7 e 8 Junho, comentário pela Conservadora Maria José de Mendonça.

«Metamorfoses do Impressionismo», em 21 e 23 de Junho, comentário pelo Senhor Dr. Adriano de Gusmão.

«Arte na Suíça», em 30 de Junho, comentário pelo Senhor Dr. Roger E. Campiche, Secretário da Legação da Suíça.

«Arte em Portugal», em 5 e 7 de Julho, comentário pelo Director do Museu.

«Arte na Alemanha», em 13 e 15 de Dezembro, comentário pelo Senhor Dr. Otfried Deubner, Director da Secção Cultural da Legação da República Federal da Alemanha.

«O Cinema Pintado», em 20 e 22 de Dezembro, comentário pelo Senhor J. F. Aranda.

Os programas destas sessões foram organizados com filmes cedidos pelas seguintes entidades: Commissariado do Turismo Francês, Serviços Cinematográficos da Embaixada dos Estados Unidos da América, Secretariado Nacional de Propaganda e Cultura Popular, Instituto Britânico, Legação da Suíça, Legação da República Federal da Alemanha, Turismo Alemão e Embaixada do Canadá.

Nos intervalos das sessões de cinema, o Museu organizou, para o público que as frequenta, pequenas exposições que versaram os seguintes temas:

«As Tentações de Santo Antão», pintura de Jerónimo Bosch e radiografias da mesma obra.

«Desenhos cenográficos da oficina dos Bienes».

«Retrato da Rainha D. Mariana de Áustria», de Velazquez. «As Duas Primas», de J. H. Fragonard e «O Poeta e o Pássaro», de Guardi.

«São Jerónimo», de A. Dürer, reproduções de desenhos preparatórios para a obra e es-

pécies bibliográficas acerca das relações do artista com portugueses residentes em Antuérpia.

«Adoração dos Reis Magos», «Descida da Cruz», «Ascensão» e «Juízo Final», desenhos de Domingos António de Sequeira, e obras de escultores portugueses do século XVIII sobre o tema do Presépio.

Nas sessões que coincidiram com as exposições «Estudos sobre um tema de Pintura» e «Obras de N. Delerive», esses certames ficaram patentes ao público durante o intervalo.

As sessões cinematográficas sobre Arte são exclusivamente destinadas ao Grupo dos Amigos do Museu.

Para a cinemateca privativa do Museu foi adquirido o filme da Exposição de Ourivesaria Portuguesa, realizada em Paris, no Museu de Artes Decorativas, que se intitula «Pratas Portuguesas».

MUSEUS EXPOSIÇÕES E CONFERÊNCIAS

Num serviço de extensão das suas actividades colaborou este estabelecimento na organização de vários museus dos quais se citam: o do Seminário Maior dos Olivais, iniciativa muito importante para a preparação artística dos futuros sacerdotes, que foi instalado numa sala especialmente adaptada para esse fim.

Para a instalação do Museu Diocesano do Funchal e do Museu da Quinta das Cruzes, deslocou-se ao Funchal o Director do Museu de Arte Antiga que, acompanhado pelo Chefe da Oficina do Restauro, Mestre Fernando Mardel, e pelo Conservador do Palácio Nacional da Ajuda, Senhor Dr. Cayola Zagalo, procedeu, com a colaboração das Comissões locais (para o Museu Diocesano, Senhores Cónego Camacho e Engenheiro Peeter Clode, para o Museu da Quinta das Cruzes, Senhores Dr. Frederico de Freitas, Dr. José Leite Monteiro e Dr. António Aragão Correia), à instalação desses novos organismos (1).

Durante a sua estadia na Ilha, o Dr. João Couto proferiu duas conferências, uma sobre o restauro, conservação e exposição dos painéis flamengos da Madeira, outra sobre o Museu Nacional de Arte Antiga, sendo ambas acompanhadas por projecções.

Por ser uma dependência do Museu de Arte Antiga (§ 1.º do n.º 4 do art.º 53.º do cap. IV do decreto n.º 20.985, de 7 de Março de 1932), tem nos últimos tempos, este estabelecimento procurado suprir algumas faltas

que eram sensíveis na Igreja da Madre de Deus. Para esse efeito se puseram nos vãos existentes na talha do Coro superior pinturas do século XVII, pertencentes ao fundo do Museu, e que substituíram o retábulo português do século XVI, agora exposto em sala própria, especialmente adaptada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Foi muito activa nos anos de 1954 e 1955 a participação do Museu Nacional de Arte Antiga em exposições internacionais.

De 19 de Maio a 31 de Julho de 1954 teve lugar em Bordeus a exposição «Flandres Espagne Portugal du XV^e au XVII^e siècle», organizada pela Municipalidade daquela cidade francesa e realizada pela Conservadora dos Museus de Bordeus, Mademoiselle Martin Méry. Deste certame publicou-se um catálogo para o qual o Dr. João Couto, Director do Museu de Lisboa, escreveu o prefácio respeitante à participação portuguesa.

Em Novembro de 1954 a Janeiro de 1955 realizou-se no Museu das Artes Decorativas, de Paris, a exposição «Les Trésors de l'Orfèvrerie Portugaise», que foi depois repetida em Portugal, na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, nos meses de Abril e Maio de 1955.

A Comissão organizadora da exposição de Paris foi composta pelos Senhores Professor Reynaldo dos Santos, Dr. Ricardo Espírito Santo e Dr. João Couto, tendo na de Lisboa o lugar do Dr. Ricardo Espírito Santo sido preenchido pelo Senhor Dr. Guilherme Possollo.

O Museu esteve largamente representado nesta exposição, tendo figurado, além das obras capitais da ourivesaria portuguesa, as peças mais importantes fabricadas para a Coroa de Portugal e para famílias nobres portuguesas, pelas oficinas do Louvre, dirigidas pelos Germain.

De Novembro de 1955 a Fevereiro de 1956 teve lugar na Royal Academy, de Londres, por iniciativa de Sua Excelência o Embaixador Teotónio Pereira, a exposição «Portuguese Art 800-1800», a qual foi orientada por uma Comissão portuguesa presidida pelo Professor Dr. Reynaldo dos Santos e que tinha por vogais os Senhores: Dr. António Luís Gomes, Dr. Armando de Castro e Abreu, Dr. António Medeiros de Gouveia, Dr. Mário Tavares Chicó, Dr. João Rodrigues da Silva Couto, Dr. José da Silva Passos e Dr. Manuel António de Oliveira Miranda.

Nesta exposição figuraram mais de centena e meia de espécies do Museu Nacional de

(1) Vidé — João Couto «Painéis Flamengos do Funchal», Funchal, 1955.

Arte Antiga, entre as quais se encontravam as mais representativas das colecções de pintura e artes ornamentais pertencentes a este estabelecimento do Estado.

Para as três exposições os serviços de secretaria e de embalagem das espécies estiveram a cargo do pessoal do Museu de Arte Antiga.

Dessas exposições publicaram-se os seguintes catálogos: «Flandres Espagne Portugal du XV^e au XVII^e Siècle», Bordeaux 19 Mai-31 Juillet 1954; «Les Tresors de l'Orfèvrerie du Portugal», Novembre 1954-Janvier 1955; «Exposição de Ourivesaria Portuguesa e Francesa», Abril-Maio de 1955; «Exhibition of Portuguese Art 800-1800», London, 1955-56, e um album com 61 ilustrações, intitulado «Portuguese Art 800-1800».

O Museu de Lisboa esteve também representado nas seguintes exposições: «Exposição Histórica de São Paulo», São Paulo, 1954; «Quattro Maestri del Primo Rinascimento», no Palácio Strozzi, em Florença, 1954; «Exposição de Arte Brasileira», Neu-châtel, 1955; Exposição no Museu Central de Utrecht, 1955.

No dia 4 de Dezembro de 1954 o Director do Museu proferiu, na sede da Acção Católica, e por iniciativa da Liga Universitária Feminina, uma conferência subordinada ao tema «Imagens da Virgem no Museu de Arte Antiga», ilustrada com projecções.

A mesma conferência foi repetida no Seminário dos Olivais, dando início a um ciclo de lições por professores e críticos de arte.

DEFESA DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO EM CASO DE GUERRA

Nos anos de 1954 e 1955 a Comissão encarregada de estudar as providências a adoptar em caso de guerra para protecção dos bens culturais da Nação, criada por portaria de 17 de Julho de 1953, continuou a trabalhar, tendo procedido aos seguintes trabalhos:

a) Organização do Inventário dos Bens da Nação compreendidos no 1.º escalão, isto é, aqueles de interesse nacional e internacional que ao primeiro alarme devem ser arrecadados ou evacuados, para tanto está em organização o ficheiro acompanhado das respectivas fotografias.

b) Verificação da existência dos abrigos naturais que poderão ser aproveitados e estudo dos abrigos a construir.

A Comissão vai publicar o Guia Prático

para a Protecção dos Bens Culturais. A Comissão que já dispõe de um importante material está neste momento a coligir os dados para a organização do primeiro relatório a apresentar ao Governo.

NECROLOGIA

No ano de 1954 faleceram os funcionários do Museu, João da Costa e Albano da Silva Pestana, dedicados servidores deste estabelecimento do Estado, o segundo, operoso trabalhador no arquivo e serviço fotográfico.

No ano de 1955, em 22 de Julho, faleceu o senhor Calouste Gulbenkian, cujo interesse por este Museu já foi largamente apreciado no Boletim e, em 21 de Agosto, o Reverendo Padre Costa Lima que por várias vezes fez conferências no Museu e colaborou neste Boletim.

AMIGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, DE LISBOA

RELATÓRIO DO CONSELHO DIRECTOR

ANO DE 1954

Ex.^{mas} Consócios:

Temos a honra de trazer à apresentação de V. Ex.^{as}, o relatório e contas da gerência do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga relativos ao ano transacto de 1954.

MOVIMENTO DE SÓCIOS:

Foram admitidos 27 novos sócios titulares e eliminados, por diversos motivos, 21; registou-se assim, um movimento de 555 sócios, verificando-se um aumento de 6 sócios em relação a 1953.

Dos sócios falecidos, a cuja memória rendemos o preito da nossa saudade, cumpre-nos fazer referência muito especial ao nome inesquecível de José Lino Júnior que desde a fundação do Grupo acompanhou sempre com o maior entusiasmo e dedicação a sua actividade, tendo desempenhado durante muitos anos o cargo de secretário do Conselho Director que exerceu com o maior zelo. Com a sua morte desaparece uma figura habitual das nossas reuniões e o Grupo perde nele um dos seus mais dedicados colaboradores. Devemos, por isso, manifestar especialmente o nosso pesar pelo falecimento de tão distinto consócio.

MOVIMENTO DE CAIXA :

Durante o ano verificou-se a receita de 110.831\$10, incluindo o saldo do ano anterior de 13.064\$90.

As despesas foram de 8.026\$10. Adquiriram-se obras de arte e publicações destinadas ao Museu no valor de 16.913\$20; liquidaram-se despesas do Museu que não puderam ser processadas pelas verbas do mesmo, na importância de 9.622\$90, e fizeram-se adiantamentos no valor de 43.160\$00.

Pelos mapas juntos V. Ex.^{sa} poderão verificar o respectivo balanço.

Concluindo, temos a honra de propor:

1.º — Que seja aprovado um voto de profundo sentimento pelo falecimento dos sócios em 1954;

2.º — Que sejam aprovados o Balanço e Contas relativo ao exercício de 1954;

3.º — Que seja aprovado um voto de agradecimento ao Senhor Director do Museu, por todas as facilidades dispensadas e pela valiosa colaboração que sempre tem dado ao nosso Grupo e igualmente um voto de congratulação pelo seu restabelecimento da grave doença que recentemente sofreu.

Lisboa, 19 de Março de 1955.

O Conselho Director

MOVIMENTO DE SÓCIOS DURANTE O ANO DE 1954

Existiam em 1 de Janeiro de 1954:

Sócios de Honra	9	
Sócios doadores	13	
Sócios titulares	536	558

Entraram durante o ano:

Sócios titulares	27	585
------------------------	----	-----

Sócios eliminados durante o ano:

Por falecimento	17	
Por falta de pagamento	4	21
Transitaram para 1955		564

RELATÓRIO DO CONSELHO DIRECTOR

ANO DE 1955

Ex.^{mas} Consócios:

Temos a honra de submeter à apreciação de V. Ex.^{sa} o relatório e contas, do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga relativos ao ano de 1955.

Movimento de sócios:

Verificou-se um aumento sensível no movimento de sócios da nossa colectividade. Foram admitidos 94 novos sócios e eleito sócio de honra o ilustre artista Sr. Fernando Mardel. Foram eliminados 21 sócios.

Temos a lamentar o desaparecimento de alguns distintos consócios e dentre eles devemos destacar o nome do Sr. Calouste Gulbenkian, grande coleccionador de categoria internacional e generoso Mecena que ao Museu fez doações de excepcional importância.

Movimento de caixa:

Durante o ano verificou-se a receita total de 114.650\$70 incluindo o saldo do ano anterior, cobrança de cotas, venda de publicações e reembolso do nosso empréstimo ao Museu.

As despesas orçam em 22.783\$80. Adquiriram-se obras de arte e publicações destinadas ao Museu e pagaram-se despesas que não puderam ser liquidadas pelas verbas do Museu, tudo no valor de 40.457\$90.

Pelos mapas juntos V. Ex.^{sa} poderão verificar o respectivo balanço.

Concluindo, temos a honra de propor a V. Ex.^{sa}:

1.º — Que seja aprovado um voto de profundo sentimento pelo falecimento dos sócios em 1955;

2.º — Que sejam aprovados o Balanço e Contas relativo ao exercício de 1955;

3.º — Que seja aprovado um voto de agradecimento ao Senhor Director do Museu por todas as facilidades e atenções dispensadas ao nosso Grupo.

Lisboa, 22 de Março de 1956.

O Conselho Director

MOVIMENTO DE SÓCIOS DURANTE O ANO DE 1955

Existiam em 1 de Janeiro de 1955:

Sócios de Honra	9	
Sócios doadores	13	
Sócios titulares	536	558

Entraram durante o ano:

Sócios de Honra	1	
Sócios titulares	94	95 653

Por falecimento:

Sócios de Honra	2	
Sócios titulares	6	
Por desistência	8	
Por falta de pagamento	5	21

Transitaram para 1956

632

RESUMO DO CAIXA — 1954

	Saldo do ano anterior	13.064\$90		de DESPESAS GERAIS			
a ANUIDADES				Despesas diversas	827\$30		
	Cobrança em 1954	23.977\$00		Ordenados do escriturário	6.000\$00		
				Comissão de cobrança	1.198\$80	8.026\$10	
a PUBLICAÇÕES				de DONATIVOS AO MUSEU			
	Venda de:			Um lavabo de talha dourada, ar-			
	553 ex. Obras escolhidas do Mu-			moriado, comprado a um par-	6.000\$00		
	seu de Arte Antiga	13.272\$00		Um Flash «Multiblitz III A» e			
	6 Baixela Germain	72\$00		acessórios	6.733\$20		
	9 Catálogos da Exposição			Livros para a Biblioteca:			
	de Sevilha	36\$00		Les Techniques de protection des			
	1 Domingos Ant. Sequeira	8\$00		des biens culturels	150\$00		
	230 Postais fotográficos	368\$00		Panzer, Paul Starr, the last of			
	1825 Postais heliográficos	2.190\$00		the Goldsmiths	945\$00		
	1279 Postais ocogravura	1.023\$20		44 espécies sobre Arte Japonesa,			
	Outras publicações	140\$00	17.109\$20	pertencentes ao diplomata Cos-	3.085\$00	16.913\$20	
				ta Carneiro			
a MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA				Para pagamento de diversas des-			
	Liquidação dos nossos empréstimos:			pesas que não puderam ser			
	Fundo de maneiio	2.800\$00		processados no corrente ano,			
	Compra de Gasoil	5.880\$00	8.680\$00	por não terem cabimento no			
				orçamento do Museu		9.622\$90	
a CAIXA ECONÓMICA PORTUGUESA				de ADIANTAMENTOS AO MUSEU			
	Nossos levantamentos	48.000\$00		Para pagamento de obras de arte			
		110.831\$10		adquiridas no leilão de João			
				de Sousa	43.160\$00		
				de CAIXA ECONÓMICA PORTU-			
				GUESA			
				Nossos depósitos	30.000\$00		
				de SALDO			
				Dinheiro em caixa	3.108\$90		
						110.831\$10	

BALANÇO DE 1954

ACTIVO		PASSIVO
ANUIDADES		VALOR SOCIAL
Quotas em carteira	1.350\$00	Referente ao ano de 1954
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS		Diferença para menos
Saldo desta conta	880\$30	104.706\$94
MÓVEIS E UTENSÍLIOS		2.568\$47
Seu valor	286\$50	
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA		
Nosso empréstimo para compra de objectos de arte e livros	43.160\$00	
PUBLICAÇÕES DIVERSAS		
Existência de publicações e postais	53.352\$77	
CAIXA		
Existência em dinheiro	3.108\$90	
	102.138\$47	
		102.138\$47

Lisboa, 19 de Março de 1955.

O Escriturário:
Herculano da Fonseca

O Conselho Director:
Duque de Palmela

RESUMO DO CAIXA — 1955

Saldo do ano anterior	3.108\$90	de	DESPESAS GERAIS		
a ANUIDADES			Despesas diversas	1.620\$10	
Cobrança de 1955	28.637\$00		Ordenado ao escritório	11.500\$00	
			Comissão de cobrança	2.863\$70	15.983\$80
a PUBLICAÇÕES DIVERSAS			de FOTOGRAFIAS		
Venda de:			Pago por 850 fotografias diver-		
551 ex. Obras escolhidas do Mu-			sas	6.800\$00	
seu de Arte Antiga	13.224\$00		de DONATIVOS AO MUSEU		
3 Baixela Germain	36\$00		Para compra de:		
14 Catálogo da Exposição			«Accessoires du mobilier depuis		
de Sevilha	56\$00		le XIII ^e jusqu'au milieu du		
2 Domingos Ant. Sequeira	16\$00		XIX ^e siècle» 3 vol.	1.600\$00	
3 Painéis Quinhentistas da			«Martirium», 3 vol.	428\$00	
Graciosa	16\$00		Uns estribos japoneses represen-		
1710 Postais heliogravura	2.052\$00		tando portugueses no Japão ...	19.325\$00	
850 Postais ocogravura	680\$00		Um filme da Exposição das pra-		
163 Postais fotográficos	260\$00		tas portuguesas em Paris	5.646\$70	
25 Fotografias diversas	244\$00	16.584\$80	Comparticipação para a compra		
			de um écran em tela perolada,		
8 Publicações diversas	160\$00		para a sala de conferências do		
a CAIXA ECONÓMICA PORTU-			Museu	1.987\$30	
GUESA			Uma Colcha de Castelo Branco	2.121\$25	
Nosso levantamento	23.000\$00		Uma Colcha da China	2.121\$25	
a MUSEU DE ARTE ANTIGA			Um lote de amostras de seda do		
			séc. XVIII	4.242\$50	
			Fio de algodão para o restauro		
			de tapeçarias	118\$10	
			Uma medalha comemorativa do		
			centenário de Malhoa	252\$80	
			Para pagamento de trabalhos		
			dactilografados para o Museu	700\$00	
			Para pagamento de despesas		
			efectuadas com o pessoal me-		
			nor em serviço das conferên-		
			cias para os Amigos do Museu	1.178\$00	40.457\$90
			de CAIXA ECONÓMICA PORTU-		
			GUESA		
			Nosso depósito N.º 2.668		51.000\$00
			de CAIXA		
Reembolso do nosso empréstimo	43.160\$00		Dinheiro em caixa	409\$00	
	114.650\$70			114.650\$70	

BALANÇO DE 1955

ACTIVO		PASSIVO
		VALOR SOCIAL
ANUIDADES		Referente ao ano de 1955 102.138\$47
Quotas em carteira	680\$00	Diferença para menos 20.808\$05
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS		
Saldo desta conta	29.687\$10	
MÓVEIS E UTENSÍLIOS		
Seu valor	286\$50	
PUBLICAÇÕES DIVERSAS		
Existência de publicações e postais	50.267\$82	
CAIXA		
Existência em dinheiro	409\$00	
	81.330\$42	81.330\$42

Lisboa, 31 de Dezembro de 1955

O Escriturário:
Herculano da Fonseca

O Conselho Director:
Duque de Palmela

SUMÁRIO

N.º 2

«O Museu Nacional de Arte Antiga, seu alargamento e acção cultural», por João Couto, pág. 57; «A Oficina de Beneficiamento de Tapeçarias do Instituto de Restauro de Lisboa», por Maria José de Mendonça, pág. 65; «Quatro tábuas quatrocentistas modificadas no século XVI», por Abel de Moura, pág. 69; «O Pintor Cirilo Volkmar Machado (1748-1823)», por Ayres de Carvalho, pág. 71; «Exposições», pág. 87; «Conferências e Palestras», pág. 90; «Serviços Técnicos e Administrativos», pág. 93; «Vária», pág. 103.

Fotografias de Mário Novais e Abreu Nunes

Os artigos assinados por pessoas estranhas aos serviços do M. N. A. A. são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. As separatas são sempre impressas por conta dos autores.

GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

SEDE: RUA DAS JANELAS VERDES—LISBOA

ESTATUTOS APROVADOS EM SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE 27 DE ABRIL DE 1912

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO «GRUPO»:

«O Político da Madre de Deus de Quintino Metsys», por REINALDO DOS SANTOS	Esc. 10\$00
«Domingos António de Sequeira — Notícia biográfica», por LUÍS XAVIER DA COSTA	» 15\$00
«Alonso Sanchez Coello — Ilustraciones a su biografía», por FRANCISCO DE SAN-ROMÁN	» 10\$00
«Dr. José de Figueiredo» (Discurso proferido em 19 de Fevereiro de 1938, na sessão de homenagem promovida pela Academia Nacional de Belas-Artes e pelo Grupo dos Amigos do Museu), por ALFREDO DA CUNHA	» 10\$00
«Obras Escolhidas do Museu Nacional de Arte Antiga»	» 30\$00

COTA ANUAL A PARTIR DE 20 ESCUDOS

PUBLICAÇÕES A VENDA NO
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

<i>Roteiro do Museu Nacional de Arte Antiga</i> , 1950 (2. ^a edição)	Esc. 10\$00
<i>Roteiro de Pinturas</i> , 1951	» 15\$00
<i>Obras de Arte — I — O Apostolado de Zurbarán</i> , (2. ^a edição)	» 10\$00
<i>Obras de Arte — II — Pintura Portuguesa do Sé- culo XV</i> , (2. ^a edição)	» 10\$00
<i>Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga</i> , 1939- -1943 — Fasc. 1 a 10 (à venda 8 a 10), cada fasc.	» 10\$00
<i>Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga — I vol.</i> 1944-1947 — Fasc. 1 a 4, cada fasc.	» 20\$00
<i>Idem — II vol. 1948-1952 — Fasc. 1, 3 e 4</i> , cada fasc.	» 20\$00
<i>Idem — II vol. — Fasc. 2</i>	» 25\$00
<i>Idem — III vol. 1953 — Fasc. 1</i>	» 25\$00
<i>Aspectos do Natal na Arte Portuguesa</i> , 1947-1948 ...	» 7\$50
<i>Desenhos do Album Cifka</i> , 1948	» 7\$50
<i>Exposição das Pinturas de Josefa de Óbidos</i> , 1949 ...	» 5\$00
<i>Exposição Temporária das Obras de Arte dos Séculos XV e XVI da Ilha da Madeira</i> , 1949	» 7\$50
<i>Obras de Arte Oferecidas pelo Ex.^{mo} Senhor Calouste Gulbenkian</i> , 1952	» 7\$50
<i>Cópias de Painéis Antigos</i> , 1953	» 2\$50
<i>Obras de Arte do Museu de Sigmaringen</i> , 1953	» 5\$00
<i>A Virgem na Arte Portuguesa</i> , 1954	» 10\$00
<i>Portugal na Índia, na China e no Japão — Relações Artísticas</i> , 1954	» 10\$00
<i>Pinturas dos Séculos XV e XVI da Ilha da Madeira (Depois do seu restauro)</i> , 1955	» 5\$00
<i>Obras de Nicolas Delerive</i> , 1955	» 10\$00

POSTAIS E FOTOGRAFIAS A VENDA

Para trabalhos especiais o Museu Nacional de Arte Antiga encarrega os seus técnicos de fornecerem fotografias das obras de arte expostas aos seguintes preços:

30 × 40	Esc. 30\$00
24 × 30	» 20\$00
18 × 24	» 15\$00
13 × 18	» 7\$50

As requisições de fotografias devem ser feitas em impressos que podem ser pedidos ao porteiro do Museu.

Para a sua publicação é necessária, nos termos do regulamento, autorização especial da Direcção.

A entrega das provas far-se-á no prazo de uma semana.